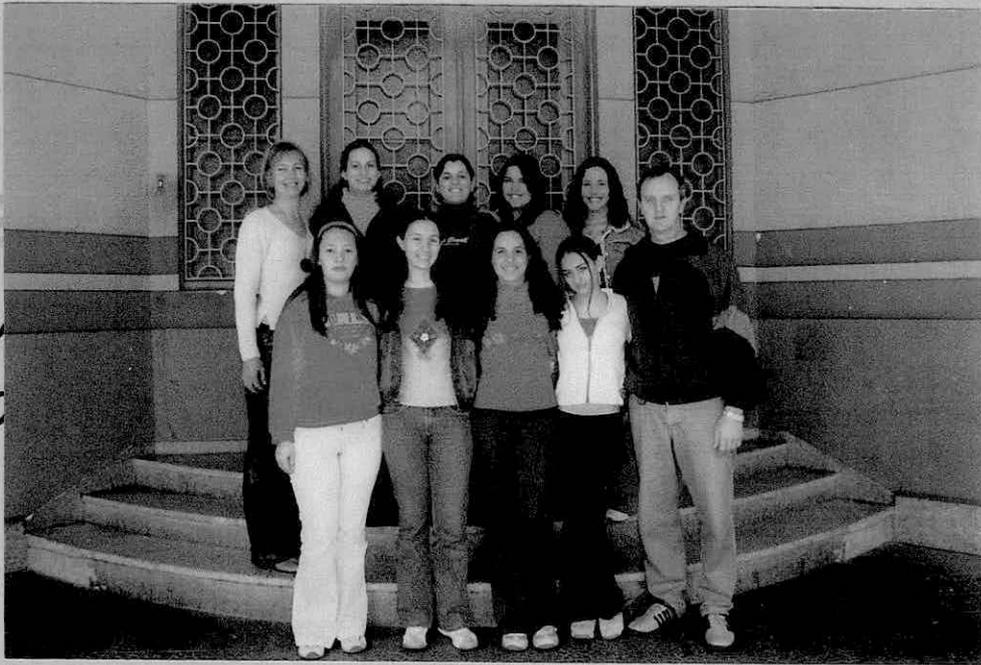


Colégio Santa Teresinha

INEPs

Um olhar sobre o

PROFESSOR PATRULHENSE.



SEGUNDA EDIÇÃO

PROJETO NOSSA ESCOLA PESQUISA SUA OPINIÃO

PÓLO RIO GRANDE DO SUL

NÚCLEO DE SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA

COLÉGIO SANTA TERESINHA

UM OLHAR SOBRE O PROFESSOR PATRULHENSE

RELATÓRIO FINAL

SETEMBRO – 2004



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
O MUNICÍPIO DE SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA	5
HISTÓRICO DO COLÉGIO SANTA TERESINHA	7
A TURMA	9
PROJETO.....	10
PROJETO NOSSA ESCOLA PESQUISA SUA OPINIÃO	12
FALANDO NO PROJETO	15
QUESTIONÁRIO	17
GRÁFICOS E ANÁLISES	18
NEPSO: UM PROJETO INTERDISCIPLINAR	45
ANEXOS	48

APRESENTAÇÃO

Fomos convidados a participar do projeto nacional *Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião*. Tarefa difícil, nova e entusiasmante, que aos poucos fomos "tirando de letra", crescendo a cada encontro, aperfeiçoando nossos conhecimentos.

Escolhemos o tema de nossa pesquisa com facilidade, pois é um assunto presente em nosso dia a dia, já que somos futuras professoras.

Desta forma, procuramos com este trabalho, conhecer o perfil e métodos dos professores de nossa cidade e por que há tanto desinteresse escolar pelos alunos.

As respostas e outras curiosidades e observações estão neste relatório, elaborado com muito empenho por oito alunas do 2º Ano Normal do Colégio Santa Teresinha.

O MUNICÍPIO DE SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA

Um dos municípios mais antigos do RS, Santo Antônio da Patrulha situa-se entre Porto Alegre, capital do estado e o Litoral Norte.

Nossa terra tem para contar a história da colonização do estado, através das influências culturais, deixadas pelos povos que colonizaram nossa cidade, dentre os quais destaca-se o açoriano, por ser o mais presente na sede do município.

A cidade possui uma vasta área interiorana, onde são cultivados alguns produtos, entre os quais se destacam o arroz e a cana-de-açúcar, e onde também é explorada a pecuária. O município também investe na indústria e produz máquinas agrícolas, esquadrias, calçados, entre outros.

Passagem obrigatória para os veranistas até a construção da BR 290, que liga Porto Alegre a Osório, cidade vizinha de Santo Antônio, a cidade ficou conhecida pelo "café com sonhos" oferecido a seus visitantes e pela cachaça, produzida de forma artesanal em rústicos alambiques que são preservados até hoje. A rapadura patrulhense é vendida em vários pontos do estado e fora dele.

Terra de rica cultura, onde, há 18 anos, acontece a Moenda da Canção, um festival de música, que anteriormente era regional e há alguns anos tornou-se nacional e recebe artistas de todo o país com suas músicas. O festival movimenta, uma vez por ano, todos os moradores da cidade, que procuram receber os visitantes com entusiasmo e simpatia.

Nós, alunas do Curso Normal do Colégio Santa Teresinha e nossos orientadores neste projeto, sentimos orgulho de viver nesta cidade de sonhos, onde a natureza está em toda parte e as pessoas ainda têm muitos motivos para sorrirem.

HISTÓRICO DO COLÉGIO SANTA TERESINHA

Cônego Wunibaldo Backes foi um padre muito dedicado, que chegou em Santo Antônio no ano de 1932. A preocupação que tinha com o ensino no município aumentava cada vez mais. Um grupo de pais uniu-se ao Cônego Wunibaldo no sentido de encontrar caminhos para reduzir o analfabetismo no município.

No ano de 1935, começaram a construir o Colégio Santa Teresinha. Não foi fácil, pois enfrentaram muitos obstáculos, mas no dia 06 de outubro de 1940, raiou o tão esperado e sonhado dia da inauguração.

A partir de 01 de março de 1940, assumem a administração do Colégio Santa Teresinha as Irmãs Escolares de Nossa Senhora.

Após 10 anos, surgiu um novo curso no colégio, a escola teve que aumentar o seu espaço físico para receber o Curso Normal. Em 1952 formou-se o 1º grupo de professores.

Uma escola católica com a missão de educar com competência para o desenvolvimento integral da pessoa humana, tendo como base, os princípios cristãos, éticos e solidários, contribuindo para humanizar a Terra.

Ao longo do tempo, mudam diretores, professores, funcionários e alunos. Hoje, a estrutura da escola é voltada para o desenvolvimento integral do aluno, equipada com laboratório de Informática, Química, Física, Biologia, Matemática, Biblioteca de

pesquisa e de empréstimos, Biblioteca Infantil com Hora do Conto, Oficina de Arte Culinária e Teatro, Sala de Música, Sala de Audiovisual, Salão Nobre para eventos culturais, Sala de Lazer e Jogos para jovens e crianças, Ginásio de Esportes, Quadras de Esportes e vários outros espaços.

O Colégio Santa Teresinha é o centro de irradiação da cultura para os estudantes patrolhenses.

A TURMA

Somos adolescentes em busca de um ideal e, juntas, procuramos enfrentar o mundo de cabeça erguida. Ao longo dessa trajetória, umas desistiram, outras estão cansadas, mas a força de vontade do grupo faz com que essas se levantem novamente.

Em nossa turma, cada uma é um pouco namoradeira, apaixonada, sonhadora, extrovertida, certinha, festeira e muito mais. Somos oito meninas que começaram a caminhada sem afinidades, e que, depois de dois anos juntas, continuarão amigas para o resto da vida.

Nesse tempo que passamos juntas, discutimos, choramos e sorrimos. E, entre lágrimas e sorrisos, abraçamo-nos e lutamos por nossos ideais. Cada uma é única com suas possibilidades e limites e, mesmo assim, conseguimos crescer juntas.

O mais interessante nessa turma que construímos é que acreditamos que a amizade, a sabedoria, a felicidade, o amor e o tempo andam sempre juntos. Por isso tudo, "no final, sempre dá certo e, se ainda não deu, é por que ainda não chegou ao final."

PROJETO

O projeto do NEPSO - Nossa Escola Pesquisa sua Opinião, foi apresentado a nós pela professora Carmem Zeli de Vargas Gil Souza, que expôs a verdadeira finalidade do projeto e foi nos auxiliando nessa caminhada, juntamente com o professor José Alfeu Wermann.

Temos que admitir que o projeto foi um grande desafio para nós, pois era necessário o empenho das alunas para que obtivessem resultados claros. A pesquisa visava levantar dados sobre assunto de interesse da turma.

O tema precisava ser decidido para a elaboração dos questionários. Pensávamos em algum assunto que nos despertasse interesse e curiosidade. Então, surgiu a idéia de traçar, com essa pesquisa, o perfil dos professores do Ensino Fundamental de Santo Antônio da Patrulha. A aplicação e a elaboração dos questionários talvez tenha sido a etapa mais longa e complexa do nosso projeto, pois não costumávamos trabalhar com esse tipo de atividade em nosso cotidiano.

Gostaríamos com essa pesquisa de obter resultados sobre como os professores do Ensino Fundamental estão vivendo, quais são os recursos didáticos mais utilizados, há quantos anos lecionam, dentre outras questões que pudessem ajudar a uma visão clara sobre os docentes do nosso município.

Enfim, embora difícil e muitas vezes cansativo, o projeto do NEPSO somente proporcionou chances para a turma crescer. Cada

experiência, cada etapa, cada passo, tudo era novo e complexo a nossos olhos mas, com o apoio de nossos professores e amigos, conseguimos caminhar por esse rumo diferente das nossas aulas.

E nunca esquecemos: "Sonho que se sonha só é só um sonho, e sonho que se sonha junto é realidade". Sempre nos apoiando uns nos outros, nunca deixamos de lembrar que é muito mais fácil vencer junto com pessoas amigas e que podem nos ajudar em nossas maiores dificuldades. A nossa turma é guerreira e nunca desiste antes de concluir uma tarefa.

PROJETO NOSSA ESCOLA PESQUISA SUA OPINIÃO – PÓLO RS

Dados de Identificação:

Nome da Escola: Colégio Santa Teresinha

Endereço: Rua Marechal Floriano,94 / Santo Antônio da Patrulha – RS

Diretora: Ir. Maria de Lourdes Marcilio

Coordenadoras Pedagógicas: Karini Fernandes Severo e Maricia da Silva Ferri

Orientadora Educacional: Sinara de Souza Hnszel

Responsáveis pelo projeto:

Alunas da turma – 2º Normal

Professores Multiplicadores: Carmem Zeli de Vargas Gil Souza, José Alfeu Wermann e Maria Inês Steenbock Jasper.

Alunas Multiplicadoras: Alice Tedesco Consul, Amanda Boeira Peixoto, Angela Gomes Cerveira, Candida Maciel de Castilhos, Ciriani Ferreira de Souza, Fernanda Guimarães Cardoso, Ivana de Jesus Reis, Janaina Andrade de Oliveira, Luma Höltz Fernandes e Suelen Willborn Pereira.

Tema do Projeto: Educação

Problema de Pesquisa: Qual o perfil dos professores de Ensino Fundamental da rede pública, municipal e estadual de Santo Antônio da Patrulha e como desenvolvem suas aulas.

Justificativa: buscar conhecer os procedimentos utilizados por professores da rede pública, municipal e estadual de Santo Antônio da Patrulha, para ver se existe relação entre os métodos pedagógicos utilizados e os problemas de evasão, repetência e indisciplina nas

escolas, contribuindo com o debate para a qualificação do Ensino Médio.

Objetivo: Identificar as práticas pedagógicas, métodos e perfil dos professores da rede pública, municipal e estadual do Ensino Fundamental de Santo Antônio da Patrulha.

Metodologia: O tema da pesquisa surgiu através de discussões e inquietações que foram surgindo na sala de aula sobre os métodos de dar aula utilizados por professores que convivemos até o momento.

O tema será desenvolvido através da pesquisa de opinião e de estudos por meio de leituras e seminários para o melhor conhecimento teórico do assunto a ser tratado.

A elaboração dos questionários abrangerá os assuntos que mais inquietam as alunas no que diz respeito ao desenvolvimento das práticas pedagógicas propostas pelos professores na sala de aula.

O questionário será elaborado a partir de experiências, curiosidades e estudos do tema, sendo aplicado para professores da rede pública, municipal e estadual do Ensino Fundamental.

Durante o processo de desenvolvimento do projeto, a pesquisa será divulgada nas rádios e jornais locais. Após a conclusão da pesquisa, tabulação e análise dos dados, os resultados serão divulgados em um seminário com a participação de autoridades educacionais da região e professores das escolas envolvidas, com a distribuição de resultados às escolas participantes.

Amostra: dez escolas de Ensino Fundamental, em Santo Antônio da Patrulha, num total de 100 entrevistados distribuídos proporcionalmente ao número de professores de cada escola.

Cronograma:

ATIVIDADE PREVISTA	PERÍODO ESTIMADO
Formação do projeto e questionário	Maio
Aplicação do questionário	Junho
Tabulação do questionário	Julho
Relatórios	Agosto
Seminário municipal	Setembro
Seminário estadual	Outubro

Avaliação: O processo de avaliação será feito de forma contínua, sendo que nos encontros municipais e estaduais será aprofundado o desenvolvimento desta.

FALANDO NO PROJETO

REPORTAGEM

Realizamos uma pesquisa de opinião através do NEPSO, para analisarmos o perfil e os métodos dos professores de Santo Antônio da Patrulha. Foram 100 professores entrevistados por 10 alunos do 2º Ano Normal do Colégio Santa Teresinha, curiosas para aprofundarem suas experiências, já que pretendem ser professoras, optaram por esta questão.

Conheceram realidades diferentes das que viviam, constataram que a maioria dos entrevistados eram professoras, pois em nossa cidade é tradição as mulheres cursarem o magistério, além do afeto materno trazido por elas às escolas. Os maiores problemas existentes em sala de aula citados foram problemas disciplinares e de aprendizagem, um fator gerado pela falta de interesse dos alunos e falta de educação familiar.

Mais da metade dos entrevistados contavam com curso superior ou estavam aptando, sendo que 70% não trocariam a sala de aula por nada. Tinham mais de 10 anos de experiência, dedicavam de 3 a 6 horas de planejamentos escolares extra-classe, mesmo com mais de 30 horas de aula semanal.

Admitiram que a prioridade de uma escola de Ensino Fundamental é transmitir os conhecimentos acumulados pela sociedade e a formação humana, mas que a educação de hoje está fazendo com que o aluno seja um agente transformador da

sociedade, ou seja, as escolas estão formando seres críticos, que buscam melhoras, que são transformadores, isto visto sobre olhar docente.

Enfim, um projeto entusiasmante e compenetrado, de grande exigência, que aperfeiçoou nossos conhecimentos a cada encontro, nos tornando mais críticos ao conhecer nossa realidade, que levaremos conosco a imensa alegria em participar de algo tão construtivo e inovador, que apostou em jovens e trouxe a esses um novo olhar sobre o mundo.

Perfil e o modo como os professores de Ensino Fundamental da rede pública, municipal e estadual de SAP desenvolvem suas aulas.

Somos alunas do 2º Ano do Curso Normal. Estamos realizando uma pesquisa sobre educação e gostaríamos, por gentileza, de contar com sua colaboração.

É possível o senhor (ou você) responder algumas perguntas?

Entrevistador: _____

Data: _____

Horário: _____

Entrevistado: _____

Sexo: fem masc

1. Há quanto tempo você leciona?

- a) de 0 a 5 anos
- b) de 5 a 10 anos
- c) de 10 a 15 anos
- d) de 15 a 20 anos
- e) de 20 a 25 anos
- f) mais de 25 anos

2. Você leciona em que meio?

- a) rural
- b) urbano
- c) rural e urbano

3. Qual sua formação em nível médio?

- a) Curso Normal
- b) Contabilidade
- c) Ensino Médio
- d) Outra. Qual?

4. Tem formação superior?

sim não incompleto
Qual?

5. Qual a área do conhecimento que você mais atua?

- a) unidocência
- b) comunicação e expressão
- c) ciências naturais
- d) ciências humanas

6. Qual a maior dificuldade que você enfrenta em sua sala de aula?

- a) problemas disciplinares
- b) problemas de aprendizagem
- c) Outros. Qual?

7. Qual o principal motivo das indisciplinas nas salas de aula?

- a) falta de interesse dos alunos;
- b) aulas pouco atrativas;
- c) falta de educação familiar;
- d) outro. Qual?

8. Qual o tipo de avaliação que você mais utiliza?

- a) provas
- b) pesquisas
- c) trabalhos
- d) textos
- e) participação do aluno em aula

9. Qual o principal motivo da dificuldade de aprendizagem do aluno?

- a) método utilizado pelo professor
- b) falta de interesse dos alunos
- c) falta de apoio familiar
- d) outros. Qual?

10. Quantas horas semanais você dedica a planejamentos escolares extraclasse?

- a) até 3 horas
- b) de 3 a 6 horas
- c) de 6 a 9 horas
- d) mais de 9 horas

11. Se tivesse oportunidade de fazer outra atividade com o mesmo rendimento salarial:

- a) permaneceria atuando na sala de aula;
- b) permaneceria na educação, porém fora da sala de aula;
- c) optaria por outra profissão

12. Qual sua atitude diante de um ato repetitivo de indisciplina de um aluno?

- a) procura ajuda na direção da escola
- b) procura resolver o problema dialogando com o aluno
- c) solicita a presença do responsável pelo aluno
- d) Outra. Qual?

13. Porque os alunos têm interesse em algumas aulas e em outras não?

- a) devido ao método do professor
- b) a infra-estrutura do local
- c) simpatia do professor
- d) foco de interesse do aluno
- e) Outro. Qual?

14. Qual deve ser a prioridade de uma escola de ensino fundamental?

- a) transmissão de conhecimentos acumulados pela sociedade
- b) formação humana
- c) ambas alternativas

15. Você acha que a educação hoje:

- a) tem função de adaptar o aluno a sociedade
- b) faz com que o aluno seja um agente transformador da sociedade

16. Em qual faixa etária você se enquadra?

- a) até 20 anos
- b) de 20 á 30 anos
- c) de 30 á 40 anos
- d) de 40 á 50 anos
- e) mais de 50 anos

17. Em qual faixa de renda mensal você se enquadra?

- a) até 2 salários mínimos (até R\$ 520,00)
- b) de 2 á 3 salários (de R\$ 520,00 á 780,00)
- c) de 3 á 4 salários (de R\$ 780,00 á 1.040,00)
- d) de 4 á 5 salários (de R\$ 1.040,00 á 1.300,00)
- e) mais de 5 salários (mais de R\$ 1.300,00)

18. Você lê jornal? Com que frequência semanal?

- () sim () não
- a) até três vezes
- b) até 5 vezes
- c) todos os dias

19. Costuma manter uma leitura constante?

- () sim () não

Qual o último livro que você leu?

20. Você está associado ao seu sindicato?

- () sim () não

21. Dos recursos didáticos citados, enumere em ordem crescente os que você mais utiliza em suas aulas:

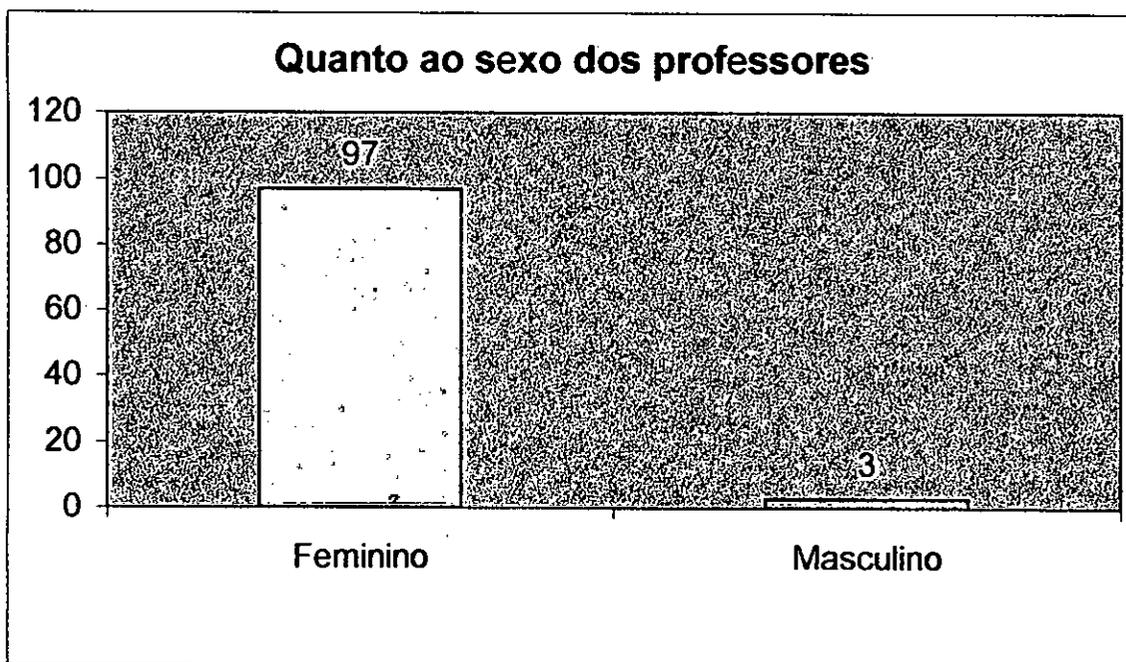
- () quadro e giz
- () livro didático
- () folhas mimeografadas ou cópias
- () TV, vídeo e som
- () laboratórios
- () jogos didáticos
- () Outro. Qual?

22. Qual sua carga horária semanal em sala de aula?

- a) até 20 horas
- b) de 20 a 25 horas
- c) de 25 a 32 horas
- d) de 32 a 40 horas
- e) mais de 40 horas

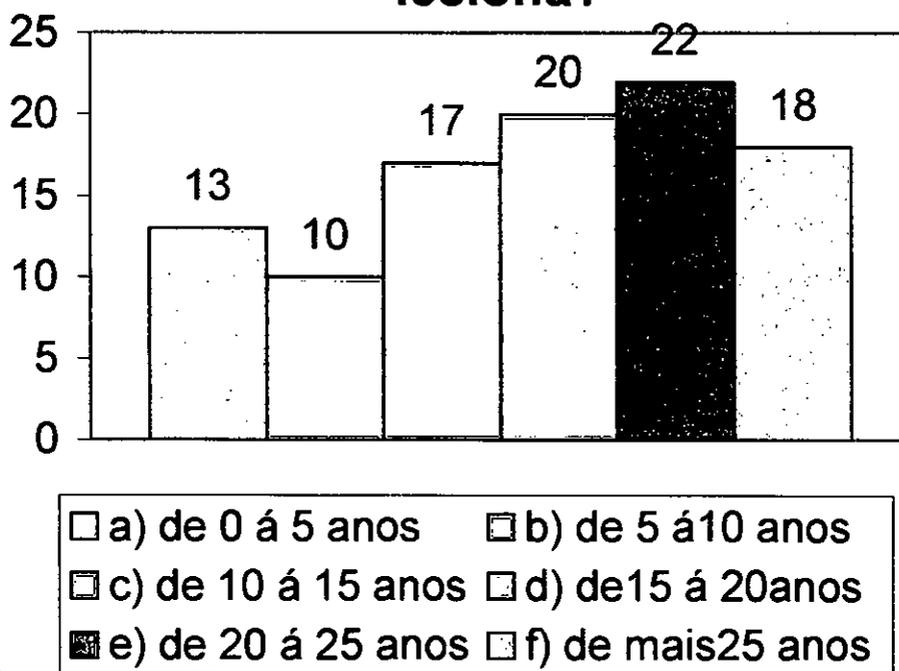
23. Pensando na educação de Santo Antonio da Patrulha, que nota de 0 a 10 você daria?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10



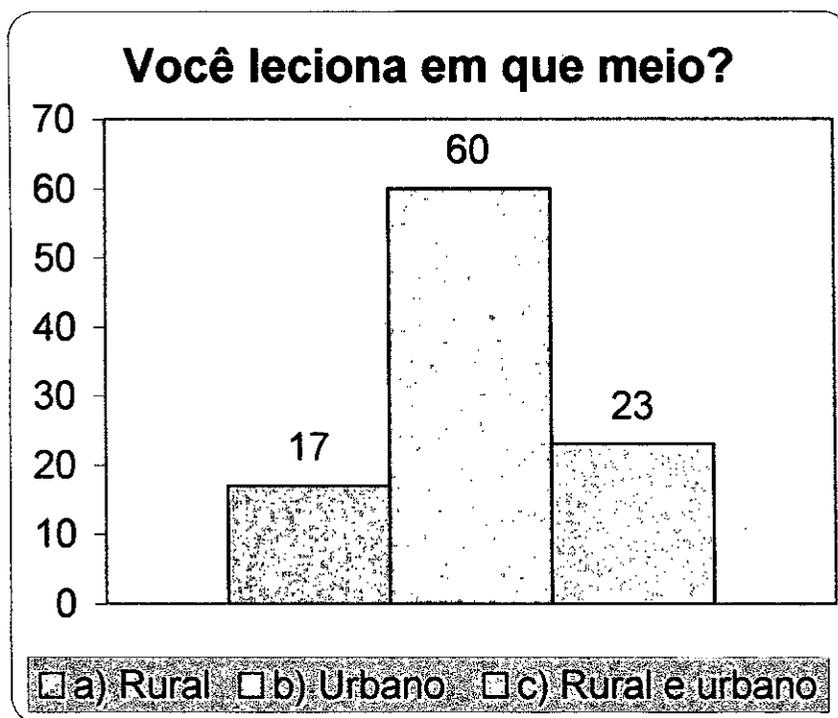
Os dados mostram que a educação escolar pública em Santo Antônio é feita quase que exclusivamente por educadoras, isto mostra uma concepção tradicional de educação, onde a mulher deve se ater às questões educacionais, do lar e que o educador deve ter uma sensibilidade feminina e não um caráter profissional, achamos que para o bem da educação este conceito deve ser mudado.

1) Há quanto tempo você leciona?



Pode-se perceber que 22% dos professores leciona de 20 a 25 anos e juntamente com aqueles que atuam a mais de 25 anos formam um total de 40%. Quando temos sessenta por cento de professores com mais de 15 anos de experiência, acreditamos que com toda esta experiência e com formação continuada e possível qualificar nossa educação, se não se deixarem levar pelo cansaço.

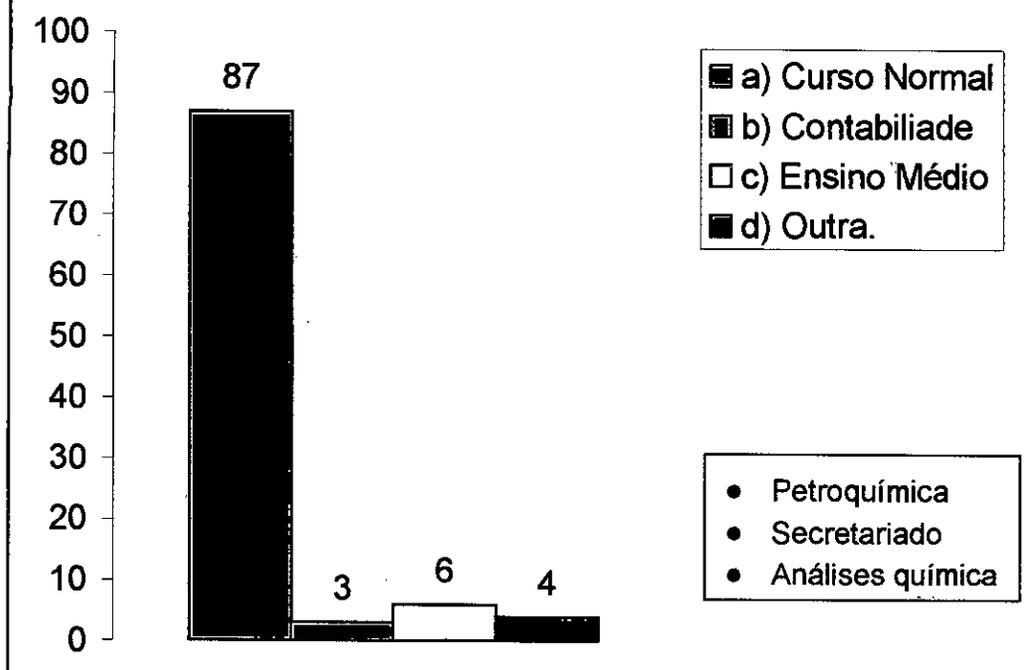
Mas o que nos impressiona é o baixo índice de professores que atuam de 0 á 15 anos, num total de 40%.



O gráfico apresenta que 60% dos professores lecionam no meio urbano devido ao grande número de escola na sede, que 23% lecionam nos dois meios e que apenas 17% dos professores lecionam no meio rural. Portanto a pesquisa de opinião representa na sua grande maioria professores da rede urbana.

Este baixo índice de professores que lecionam no meio rural deu-se devido ao difícil acesso a essas escolas, mesmo que recebam ajuda para o transporte.

3)Qual sua formação em nível médio?



Ao observar o gráfico, pode-se relatar que a 87% dos professores de ensino fundamental da rede pública, municipal e estadual de Santo Antônio da Patrulha, tem como formação em nível médio o curso normal, demonstrando uma boa base dentro da profissão, pois este curso proporciona maior conhecimento sobre o corpo discente, para poder assim, interagir diariamente com estes.

10

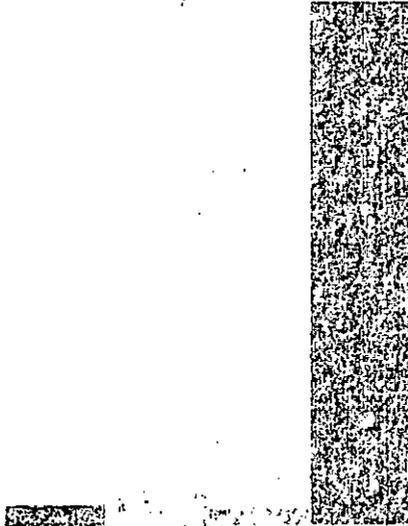
11

12

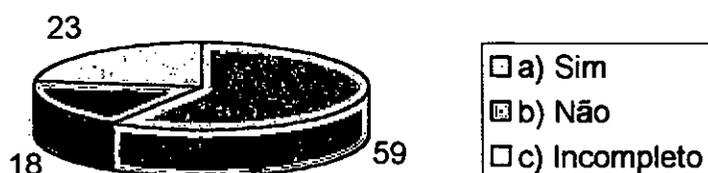
13

14

15



4) Tem formação superior?



Completo

Educação física - 7
Geografia - 4
Letras - 14
Biologia - 8
Historia - 10
Educação artística - 1
Pedagogia - 5
Matemática - 6

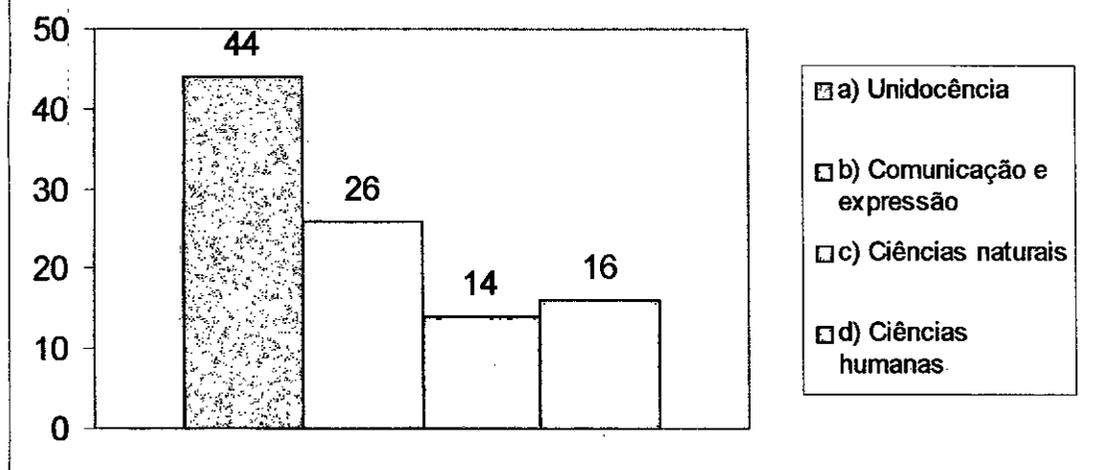
Incompleto

Pedagogia - 11
Biologia - 2
Matemática - 5
Letras - 3
Historia - 1

11

Entre nossos entrevistados, 59 pessoas tinham formação superior completa; 23 professores estão se atualizando, ou seja, buscam melhorar seu currículo cursando a faculdade, mesmo com dificuldades financeiras; apenas 18 dos 100 entrevistados não cursaram e não estão cursando uma universidade. Fato importante, pois mostra que os professores estão se empenhando para engrandecer seus trabalhos. O que nos deixou muito satisfeitas, também foi o apoio que estes recebem do governo, através de bolsas, planos estudantis e formas de pagamento para concluírem seus cursos, o que mostra que os órgãos públicos preocupam-se com a educação. Também chama atenção o número de professores cursando pedagogia, que é certamente uma das faculdades que mais questiona os métodos e práticas educativas. Isso é bom.

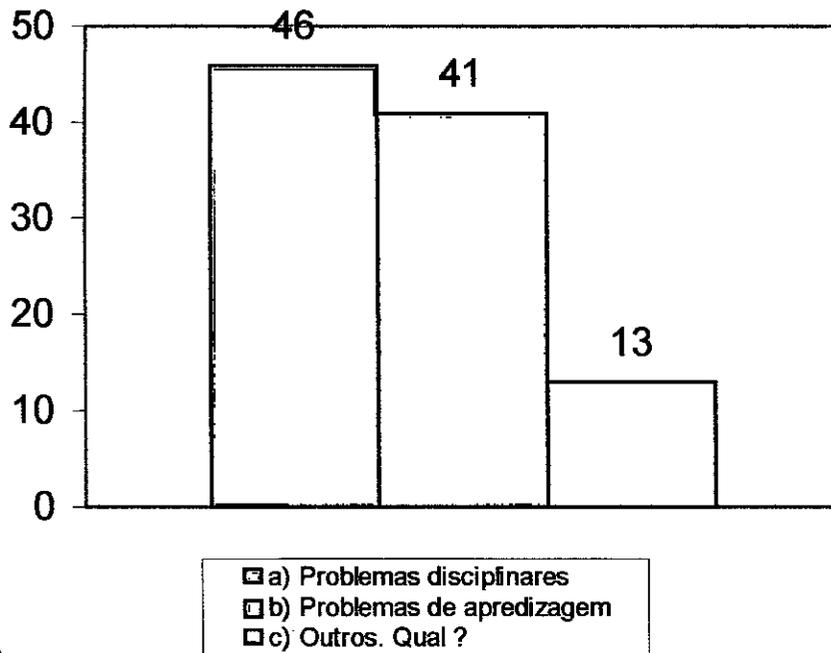
5)Qual a área do conhecimento que você mais atua?



A partir do gráfico, pode-se dizer que 44% dos professores entrevistados atuam na área de unidocência, devido ao grande número destes que se formaram no Curso Normal, há aqueles atuantes das área de comunicação expressão, num total de 26%, representando um número alto para esta área.

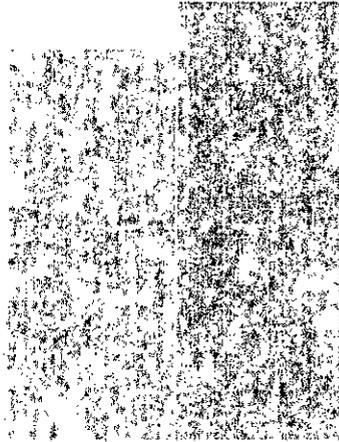
Nota-se que há um baixo índice para as áreas mais importantes no currículo escolar, sendo representadas por 14% nas ciências naturais e 16% nas ciências humanas.

6) Qual a maior dificuldade que você enfrenta em sua sala de aula?

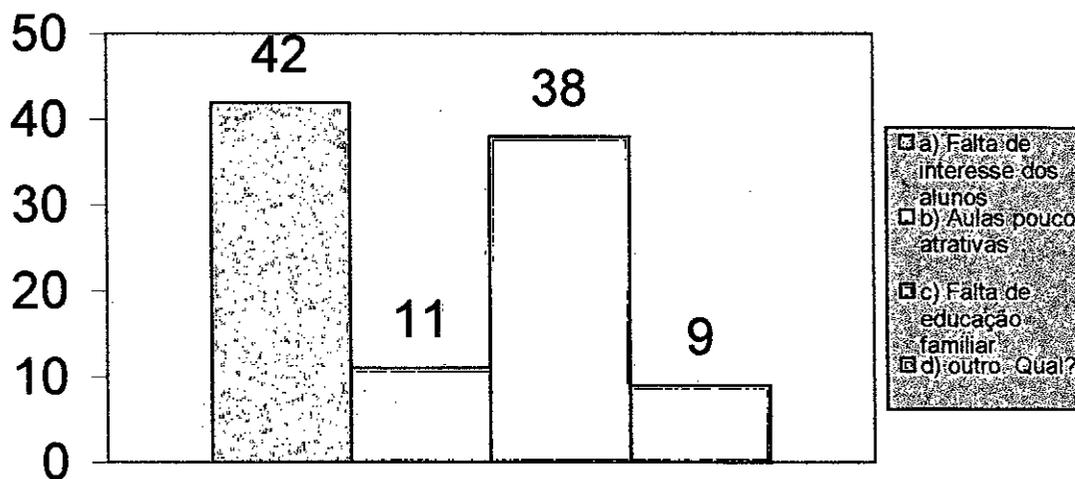


Nenhuma – 2
Falta de interesse responsabilidade – 5
Problema familiar – 2
Infrequência - 1
Falta de leitura - 1

Constata-se um equilíbrio no que se refere às dificuldades, pois representam 46% dos dados obtidos, pois este ainda é um grande dilema para os professores em sala de aula. Mas não são só os problemas de disciplinares que surgem em sala de aula, há também problemas de aprendizagem que surgem devido aos professores parecem estar mais preocupados com a disciplina do que a aprendizagem. O que fazer? Novos métodos mais firmeza? Ou mais afetividade e diálogo?

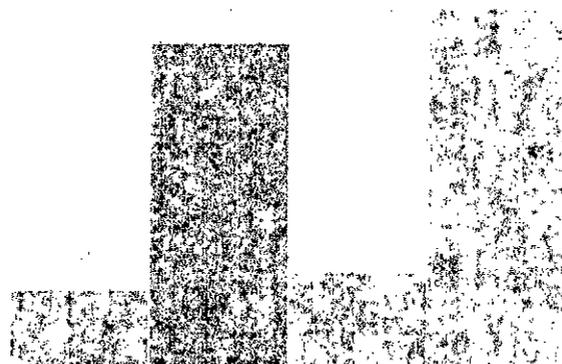


7) Qual o principal motivo das indisciplinas nas saias de aula?

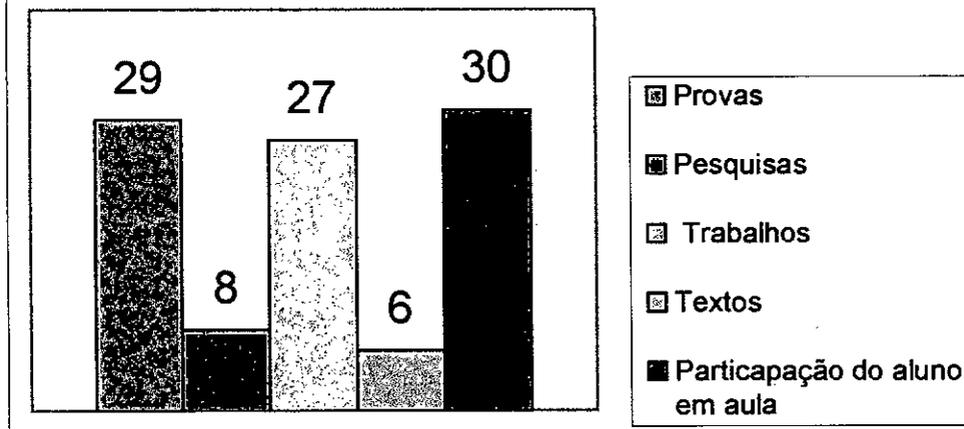


Escola não acompanha o aluno - 2
Falta de apoio familiar - 2
Hiperatividade - 1
Falta de conhecimento - 1
Não opinaram - 1

Percebemos que 80% dos entrevistados atribuem à família e aos próprios alunos os problemas de indisciplina se fizermos um comparativo com algumas publicações que dizem que os alunos e pais atribuem os problemas educacionais quase que exclusivamente à escola e professores, cria-se um grande vácuo e ficam as perguntas: será que o problema não é de ambos? E tem que ser resolvido de forma conjunta?

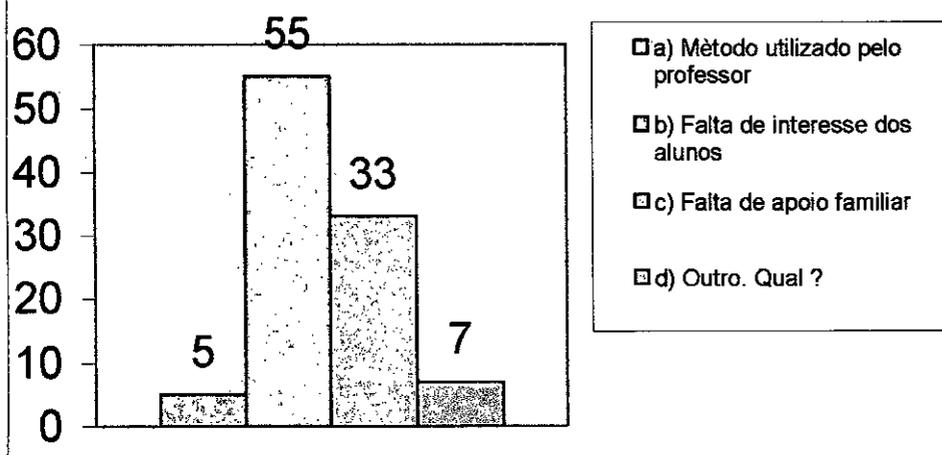


8) Qual o tipo de avaliação que você mais utiliza?



Pode-se dizer que 30% dos professores avaliam mais pela participação do aluno em aula, mas isso não quer dizer que ele não faça outro tipo de avaliação. Em 2ª lugar, com 29% fica a prova que mostra que até hoje é o tipo de avaliação mais utilizada pelos professores. Mas, o que nos deixa preocupados, é o baixo índice apresentando na utilização de pesquisas e produção de textos, evidenciando uma preocupação maior com a repetição do que a construção do conhecimento.

9) Qual o principal motivo da dificuldade de aprendizagem do aluno?



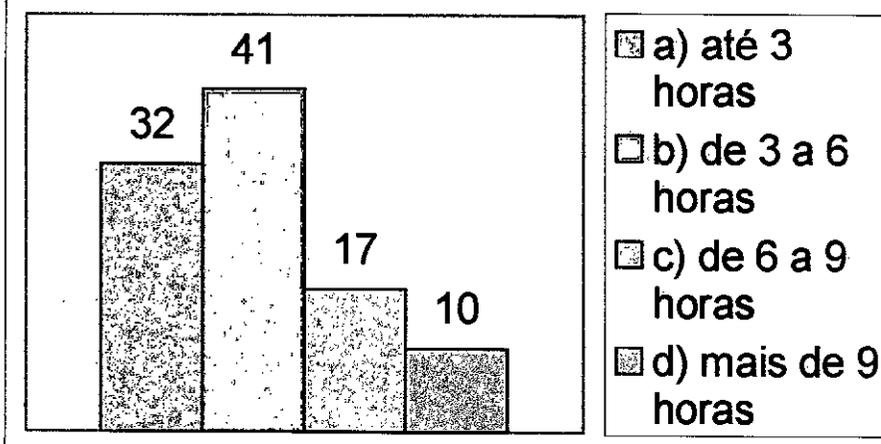
Todas as alternativas - 2
Problemas físico e emocional - 1
Falta de recursos - 1
Cont. fora da realidade - 1
Desatenção - 1

Perguntamos aos nossos entrevistados o porquê da dificuldade de aprendizagem do aluno, 55 pessoas, metade praticamente responsável, que era falta de interesse do aluno, argumento que o aluno que quer realmente aprender, que é interessado aprenderá independente da situação que vive. Outros 33%, disseram que o principal motivo seria a falta de apoio familiar, pois a família é a base de tudo. 5% pessoas argumentaram que o que dificulta a aprendizagem é o método utilizado pelo professor, pois este deve estimulá-lo a aprender, disponibilizando sistema eficazes, coerentes e criativos para aguçar o empenho dos alunos. Outras mais apresentaram outros motivos

Desta forma, concluí-se novamente que o professor, de um modo geral, acredita que o problema da falta de interesse do aluno está desvinculada com a motivação gerada pelo educador e pela

escola como um todo e que o interesse é uma questão individual do próprio aluno. Acreditamos que é preciso repensar esta concepção.

10) Quantas horas semanais você dedica a planejamentos escolares extraclasse?

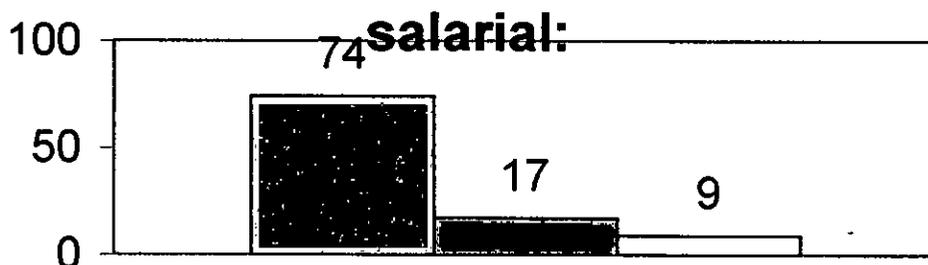


A respeito de quantas horas semanais os professores dedicam a planejamentos escolares extraclasse, notou-se que a maioria dos professores dedicam mais ou menos 1 hora por dia para esta atividade, representando 41% desses.

Já outros 32% “doam” apenas 3 horas semanais de seu tempo para estas atividades. Ao nosso ponto de vista, estes professores utilizam pouco tempo para planejamento extraclasse.

Há também aqueles 27% que dedicam à essas atividades mais de 6 horas semanais, demonstrando um grande interesse em transmitir conhecimentos com um grande potencial.

11) Se tivesse oportunidade de fazer outra atividade com o mesmo rendimento



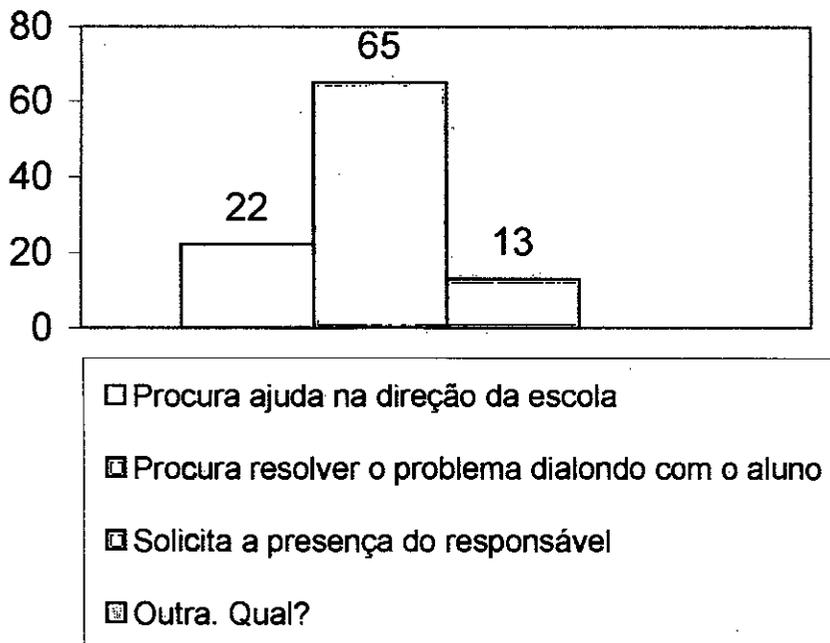
- a) Permaneceria atuando na sala de aula
- b) Permaneceria na educação, porém fora da sala de aula
- c) Optaria por outra profissão

Diante dos dados obtidos observamos que 74% dos professores entrevistados continuariam atuando em sala de aula, já outras 17% prefeririam permanecer na educação, porém em outro setor, e 9% optariam por outra profissão, se tivessem oportunidade de fazer outra atividade com o mesmo rendimento salarial.

Acreditamos que esse índice elevado de profissionais satisfeitos com a profissão, deu-se devido à vocação para ser professor.

E a insatisfação de $\frac{1}{4}$ desses, ocorre devido às dificuldades que um professor passa dentro da sala de aula, tanto com problemas disciplinares e aprendizagem, quanto familiares, que acabam afetando a vida do professor.

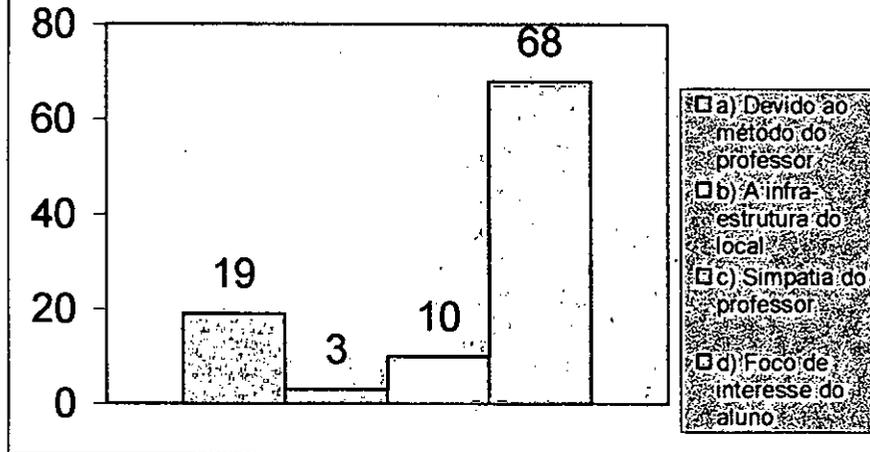
12) Qual sua atitude diante de um ato repetitivo de indisciplina de um aluno?



Concluimos que 65% dos professores entrevistados diante de um ato repetitivo de indisciplina do aluno demonstram ter segurança em resolver os problemas dialogando com estes antes de tomar providencias mais sérias, mas se este ato não obter resultados solicitariam o acompanhamento da direção, representados por 22% e/ou solicitariam a presença do responsável, com 13%.



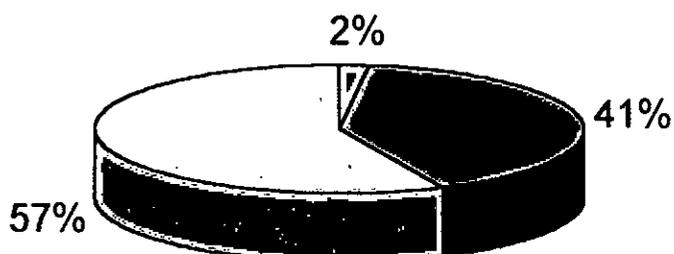
13) Porque os alunos têm interesse em algumas aulas e em outras não?



O gráfico representa a opinião dos professores a respeito do interesse dos alunos em algumas aulas. A maioria destes, representados por 64%, disseram que isso vai do foco de interesse do aluno, mas essa é uma idéia duvidosa, pois o professor, apenas, observa o aluno e não sabe o que ele pensa.

E outros 32%, se dividem em métodos do professor, simpatia com este e infra-estrutura da escola.

14) Qual deve ser a prioridade de uma escola de ensino fundamental?

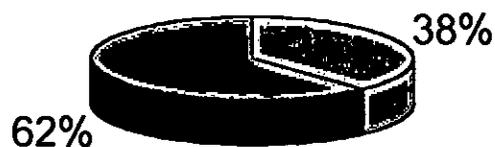


- a) Transmissão de conhecimento acumulados pela sociedade
- b) Formação humana
- c) Ambas alternativas

O gráfico mostra que a maioria dos professores, num total 57%, acreditam que uma escola de ensino fundamental tem prioridade de transmitir os conhecimentos acumulados pela sociedade e formar humanamente os futuros agentes transformadores de nossa sociedade, o atual corpo discente.

Os resultados obtidos revelam que os professores de nossa cidade entendem uma escola de ensino fundamental como um ambiente onde não só devem ser transmitidos informações, mas onde os educadores devem ajudar a formar os cidadãos do futuro.

15) Você acha que a educação hoje:

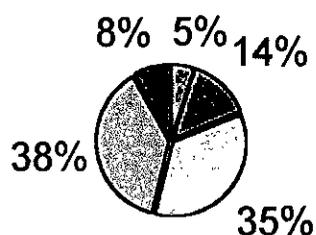


a) Tem função de adaptar o aluno a sociedade

b) Faz com que o aluno seja um agente transformador da sociedade

Os professores, representados por 62%, acreditam que a educação hoje faz do aluno um agente transformador da sociedade. Mas há também aqueles 38% que crêem na educação como adaptadora do aluno à sociedade. Mas, pelo nosso ponto de vista, discordando da opinião destes professores e não julgando-a errada, a educação hoje adapta o aluno e não o faz transformador da sociedade.

16) Em qual faixa etária você se enquadra?



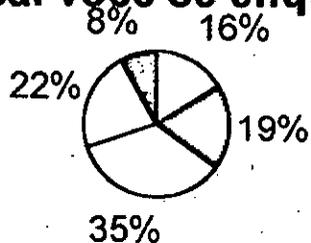
☐ a) até 20anos ☐ b) de 20 á 30 anos ☐ c) de 30 á 40 anos
☐ d) de 40 á 50 anos ■ e) mais de 50 anos

Diante dos dados, constata-se que $\frac{3}{4}$ dos professores entrevistados têm entre 30 e 50 anos, mas o que nos assustou, foi o baixo índice de jovens professores atuantes em sala de aula, apenas 14% com até 30 anos. E outros 8% de professores com mais de 50 anos.

Acreditamos que a experiência é quem fala mais alto, por isso é que esses professores permanecem atuando.

E devido a existir outras cursos que proporcionem melhor mercado de trabalho ou rendimento salarial, muitos jovens não optam por esta profissão.

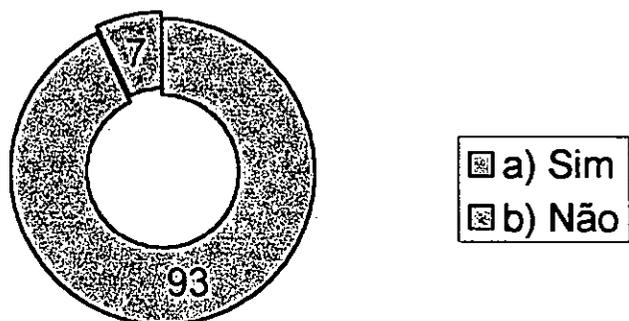
17) Em qua faixa de renda mensal você se enquadra?



- a) até 2 salários mínimos (Até R\$520,00)
- b) de 2 à 3 salários (de R\$ 520,00 á 780,00)
- c) de 3 à 4 salários (780,00 á 1.040,00)
- d) de 4 á 5 salários (de R\$ 1.040,00 á 1.300,00)
- e) mais de 5 salários (mais de R\$ 1.300,00)

O gráfico mostra que 35% dos professores entrevistados recebem de 3 à 4 salários, renda não suficiente para manter uma família. Já 30%, têm um salário acessível com mais de R\$ 1.040,00. Outros 35% têm uma renda menor que R\$ 780,00 tornando difícil manter-se. Isto mostra que, os professores têm muita luta pela frente para conquistar um salário digno e justo.

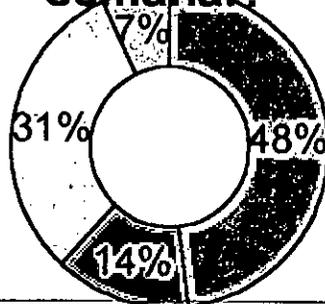
18) Você lê jornal?



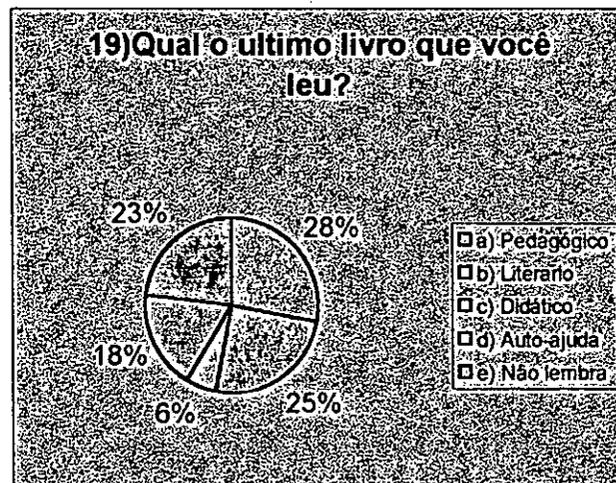
Observa-se neste gráfico, que de 93% dos professores entrevistados, 48% lêem jornal até 3 vezes por semana, já 31%, têm uma leitura semanal freqüente e outros 14%, informam-se através dos jornais até 5 vezes por semana.

Para estar atualizado aos acontecimentos que ocorrem no cotidiano municipal, regional, nacional e mundial, é necessário uma leitura freqüente, por isso, o que nos assustou, foi que 7% dos professores entrevistados não lêem jornal, isso acaba gerando um declínio na ligação entre a escola e a sociedade.

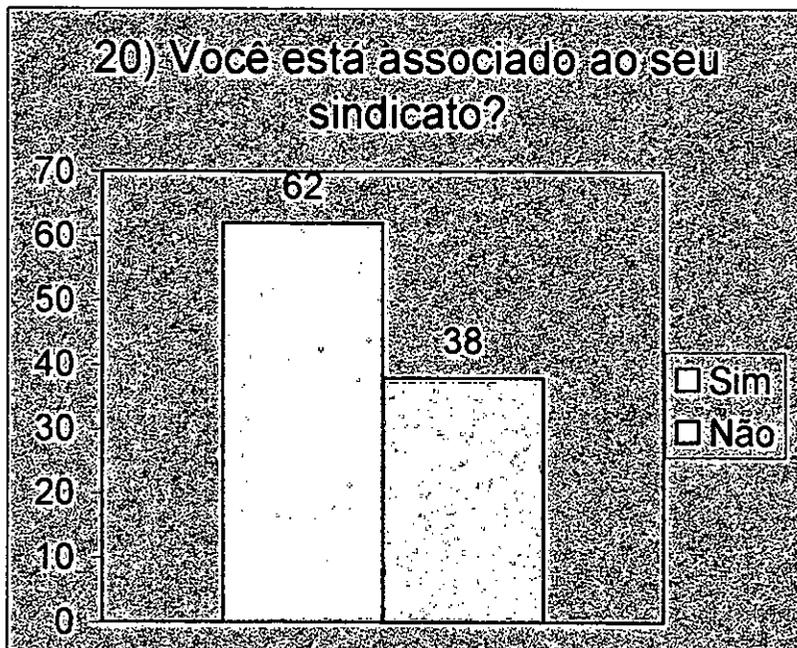
**18) Com que frequência
semanal?**



- a) até três vezes
- b) até 5 vezes
- c) todos os dias
- d) não lê



Constatamos, ao analisar esta questão, que apesar da maioria dos professores patrolhenses manterem uma leitura constante, ainda há um grande número de educadores que não costuma ler frequentemente. Uma boa parte dos professores que declarou manter uma leitura constante, não lembra da último livro que leu, o que talvez possa ser preocupante, pois significa que este possa ter sido lido há bastante tempo.



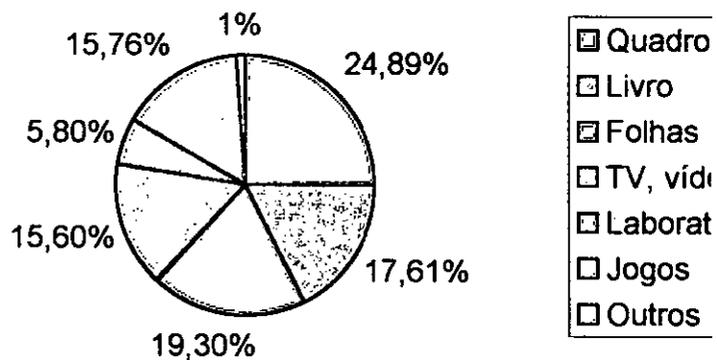
Observando os resultados, relata-se que 62%, a maioria destes profissionais, estão associados ao seu sindicato, garantindo assim os seus recursos e direitos, como planos de saúde e descontos.

Outros 38%, não contam com este apoio, talvez por livre escolha ou por já terem outro recursos. Ou não acreditarem que o seu sindicato seja uma referência de luta e defesa de seus interesses e da coletividade.

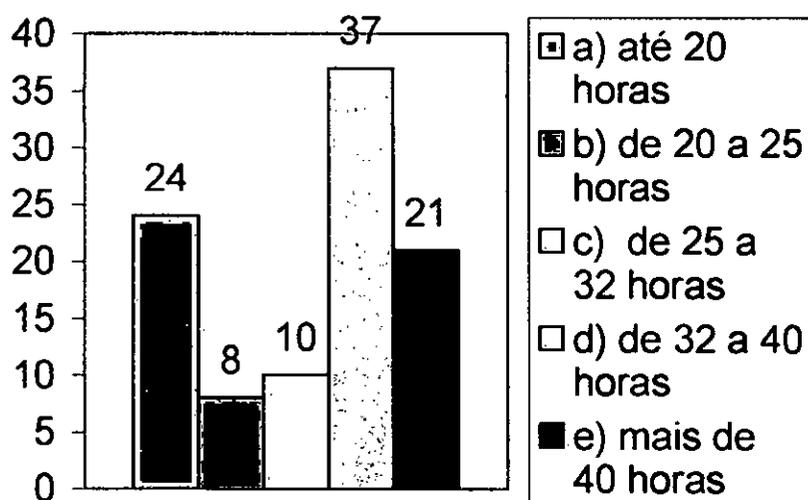
Quadro e Giz	24,89%	592
Livro	17,61%	419
Folhas	19,30%	459
TV, vídeo, som	15,60%	371
Laboratório	5,80%	138
Jogos	15,76%	375
Outros	1%	24

2378

21) Quais são os recursos didáticos que você mais utiliza?

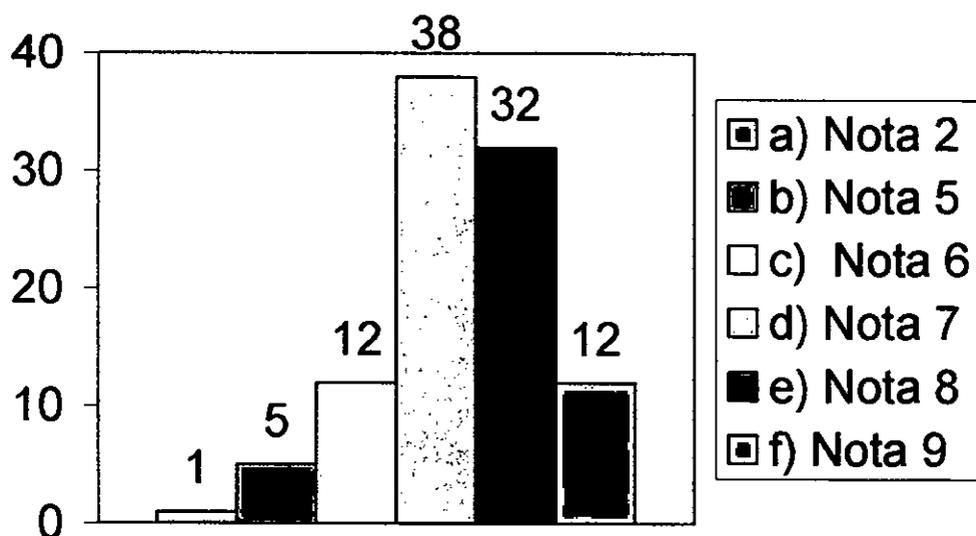


22) Qual sua carga horária semanal em sala de aula?



Podemos observar que há um índice elevado de 37% dos professores que passam de 32 a 40 horas em sala de aula, às vezes, não tendo tempo para o lazer, assim como os 21% dos professores que permanecem em sala de aula com mais de 40 horas. Já 24%, atuam até 20 horas, tendo assim, mais tempo para planejar atividades extra curriculares.

23) Pensando na educação de Santo Antônio da Patrulha, que nota de 0 a 10 você daria?



Nota-se que os professores entrevistados acham que a educação de Santo Antônio da Patrulha, não está tão precária, mas ainda tem algo a melhorar, pois a média das notas obtidas foi de 7,2. Mas como diz o ditado popular “nem Deus agradou a todos”, por isso, ainda existe insatisfação.

NEPSO: UM PROJETO INTERDISCIPLINAR

O projeto do NEPSO, Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião, foi desenvolvido junto às aulas de Sociologia de Educação e Filosofia da Educação. Houve uma interação muito forte entre os conteúdos programáticos das disciplinas e o desenvolvimento de todas as fases do projeto.

Na escolha do tema a ser pesquisado foi fundamental a leitura do livro, *“A vida na escola e a escola da vida”* de Claudius Ceccon e outros, editora Vozes, pois este aguçou a curiosidade, o desejo de aprofundar a problematização que o livro aponta sobre a escola e a sociedade e saber até que ponto os educadores têm consciência da realidade social e pedagógica que envolve os alunos e a si próprios.

Na fase de elaboração dos objetivos da pesquisa e elaboração de questionário, foi preciso uma profunda reflexão filosófica, estudo de textos e, em especial, entender as diferentes concepções pedagógicas e metodológicas existentes, para elaborar perguntas que viessem esclarecer as dúvidas e angústias vividas pelo pela alunas, que não se acomodaram perante a situação de desinteresse e apatia vivenciados por elas e muitos colegas no seu cotidiano de sala de aula.

Na fase da pesquisa de campo, foi muito interessante o contato com a realidade escolar vivida de um outro ângulo, não como alunas, mas sim como pesquisadoras, perguntando

diretamente aos professores sobre as suas angústias, sua realidade particular e de modo singular, sobre suas práticas educacionais e concepções pedagógicas. Este momento foi de muito crescimento, possibilitou o confronto entre a teoria e a prática, provocou uma grande interação, mesmo sendo muitas vezes cheia de conflitos. Nem todas as escolas estão dispostas a se abrir. Foi um período onde as disciplinas didáticas foram questionadas.

Para a tabulação dos resultados, foi preciso recorrer à disciplina de estatística e a matemática. Elas foram fundamentais, juntamente com suas professoras, para que os números fechassem com a exatidão que a matemática exige.

As aulas de informática foram importantíssimas, para que os gráficos representassem com fidelidade os resultados, de forma clara e didática, ou seja, onde todos possam entender.

Na interpretação dos gráficos, foram necessários todos os conhecimentos adquiridos em geografia, nas questões de salário e renda, faixa etária; a história, sociologia, a ética... a literatura e, principalmente, as aulas de língua portuguesa para interpretar e redigir as conclusões tiradas do tão árduo, mas satisfatório trabalho.

Por fim, o próprio trabalho de pesquisa, Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião, nos possibilitou encontrar um caminho, uma resposta para a indagação inicial: *“o que fazer para tornar as aulas mais interessantes e motivar os alunos a participarem de forma*

efetiva no processo de construção coletiva do conhecimento e sua formação integral?"

**Claudius Ceccon
Miguel Darcy de Oliveira
Rosiska Darcy de Oliveira**

**a vida
na escola
e a
escola
da vida**

6ª EDIÇÃO



7125
1.013
387 v
2

 VOZES

«A escola não é estática nem intocável. A forma que ela assume em cada momento é sempre o resultado precário e provisório de um movimento permanente de transformação, impulsionado por tensões, conflitos, esperanças e propostas alternativas».

Cuidado, Escola! *

© 1982, Instituto de Ação Cultural (IDAC)

Direitos de publicação: Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25600 Petrópolis, RJ
Brasil

Capa, diagramação e ilustrações de Claudius Ceccon

3405
341013

C. C. V.

Ex. B.

* IDAC, S. Paulo, Ed. Brasiliense, 1980.

Biblioteca Madre Teresa

Registro nº 7125

Data: 22/03/2000

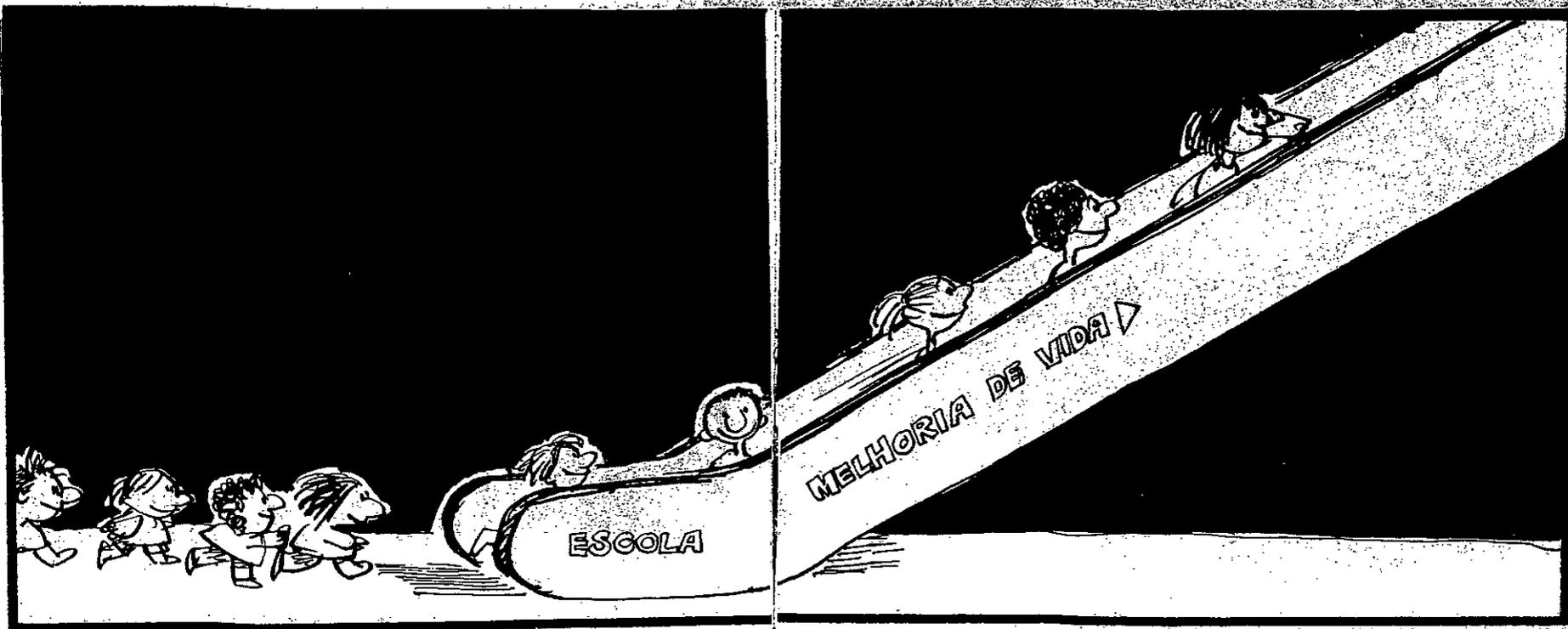
Sumário

1. Ninguém está contente com a escola (p. 10 a 17)
2. As expectativas, promessas e realidade da escola (p. 18 a 33)
3. De quem é a culpa pelo fracasso dos mais pobres? (p. 34 a 51)
4. Os mecanismos internos da escola (p. 52 a 77)
5. Se a escola não serve à maioria ela precisa ser mudada (p. 78 a 93)



Ninguém está contente com a escola

Todo mundo vive se queixando da escola. Pais, professores e alunos reclamam que ela não está funcionando como devia e que as coisas não podem continuar desse jeito. Mas cada um pensa que o culpado desse mau funcionamento são sempre os outros. Daí que a discussão sobre a escola parece mais um coro em que cada um acusa o outro, cada um tem uma parte de razão mas ninguém consegue se entender nem chegar à raiz do problema.



A escola é vista como uma escada que permite à gente subir na vida

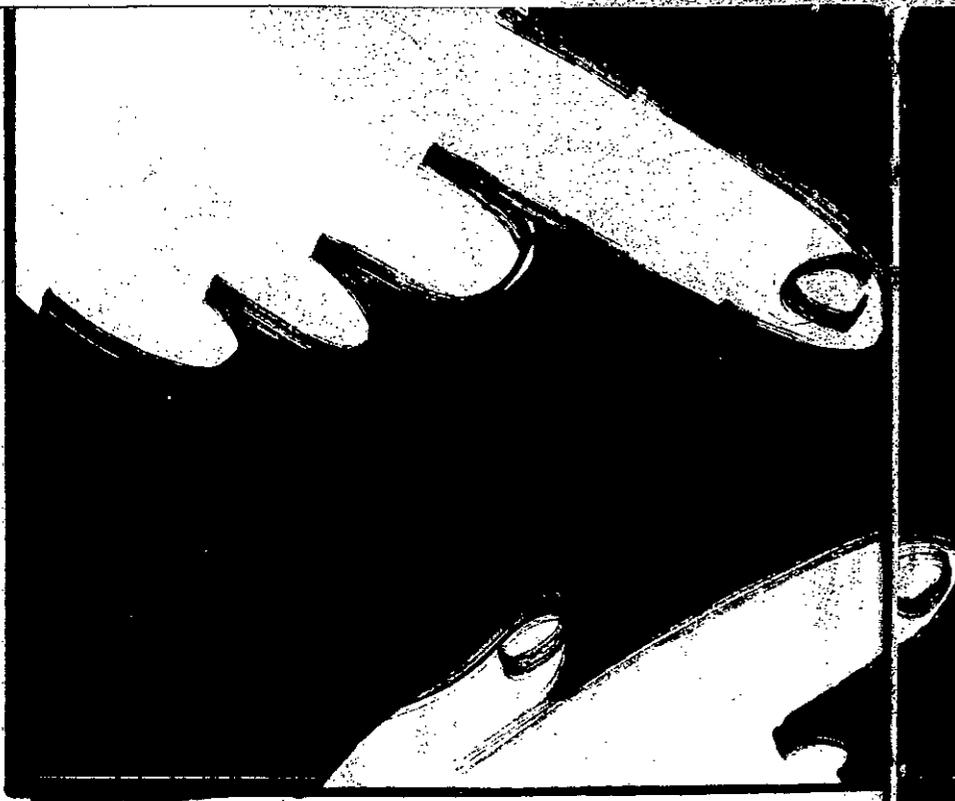
Ninguém está contente com a escola que está aí mas todo mundo sonha com uma outra escola, uma escola que funcione bem e que cumpra seu papel, que é de dar instrução a todos. Todo mundo quer que a escola seja essa espécie de escada que conduz a um andar superior, a uma melhoria de vida, a um melhor emprego com um melhor salário.

Essa expectativa em relação ao que a escola pode e deve fazer é ainda mais forte nas camadas sociais mais pobres. Para o povo, a escola é praticamente o único meio de ascensão social, de subida na vida. O sucesso nos estudos seria a grande oportunidade oferecida a todos para compensar as desigualdades de dinheiro, de importância e de posição social.

«Eu sei lá, eu tenho tanto prazer de ver filho estudar, eu acho tão bonito uma criança chegar

tudo assim na escola, cada um escrevendo... De tanto achar bonito que eu num posso por meus filho, né. De tanto eu tenho vontade! Tenho vontade de ver meu filho tudo estudando, pra depois ter uma boa profissão né, senão fica um bando de criança sem estudá, né, e que profissão vai ter? Não vai ter profissão nenhuma. Num sabe nem fazê o seu nome. Num dá alegria ver meus filho dentro de casa, tudo sem estudar».

«É porque mais tarde eles não sofre, eles não perece como eu tô perecendo. Eu pereço nesse ponto, tô perecendo porque não tenho estudo. Se eu tivesse estudo não tava perecendo. Quem não tem estudo não tá no serviço suficiente. Anda aí sendo faxineiro, lidando com essas coisas de serviço assim bruto. Eu queria que meus filho estudasse, pegasse um serviço limpinho, que eles chegasse e se trabalhasse e pudesse se comparê perto de qualquer pessoa. Aí dá gosto a pessoa, né?»

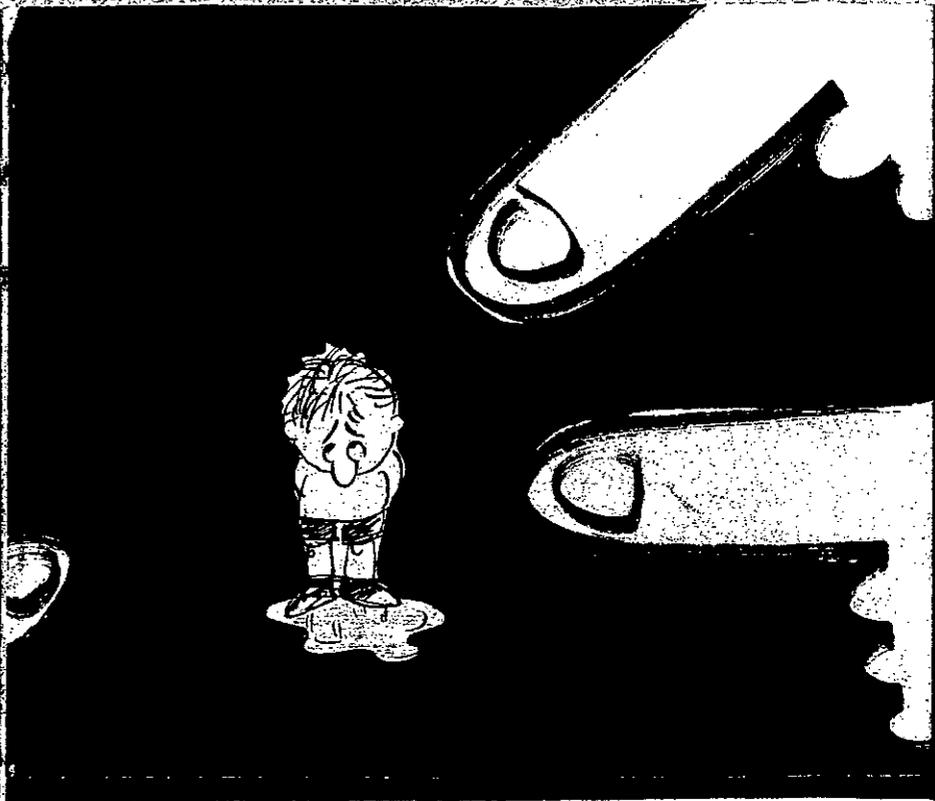


A culpa do fracasso é da própria criança?

A reação mais comum para explicar o fracasso escolar das crianças pobres é pôr a culpa na vítima: a culpa dos maus resultados escolares seria da própria criança que fracassa ou então de sua família.

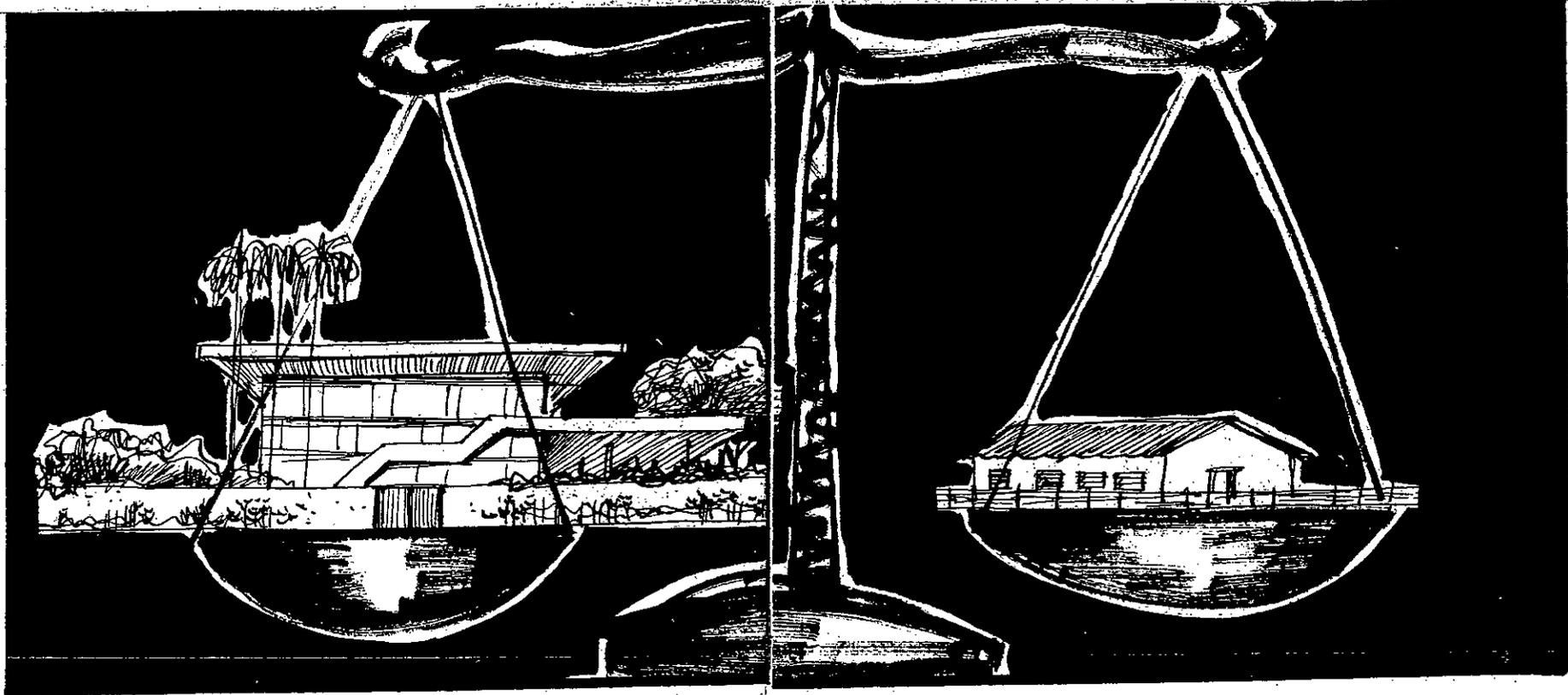
Muita gente, sobretudo professores, continua a ver o fracasso escolar como um fato psicológico, como a consequência de um problema individual próprio à criança que fracassa.

A criança não consegue aprender porque está cheia de problemas: coitadinha, ela é afetivamente desajustada, vive problemas emocionais complicados, etc. Ou então, pobrezinha, ela é distraída e sem memória, não consegue se concentrar, fala tudo errado, não entende o que a professora diz, é preguiçosa e rebelde.



Em suma, a culpa é dela mesma se, infelizmente, ela não consegue aprender aquilo que a escola ensina tão bem e que outros aprendem sem dificuldade.

«Eu gastei, criatura, eu gastei. Sapato, meia, tudinho. Botava os quatro na escola. Eu, tudo prontinho, eu com tanto prazer, criatura. Não faltava caderno e nem faltava cartilha, nem lápis, nem nada. E eu com gosto! Mas eles, nada de aprender. Cadê o que aprenderam? Ele (o marido) dizia '— sabe de uma coisa, mulhé, eu vou tirar esses meninos da escola porque esses meninos não aprende nada. Eu vejo os filhos dos outro vai e aprende, os meus não aprende'. Eu digo '— homem, tenha paciência que ninguém não nasceu aprendido!'»



A escola é “a mesma para todos”?

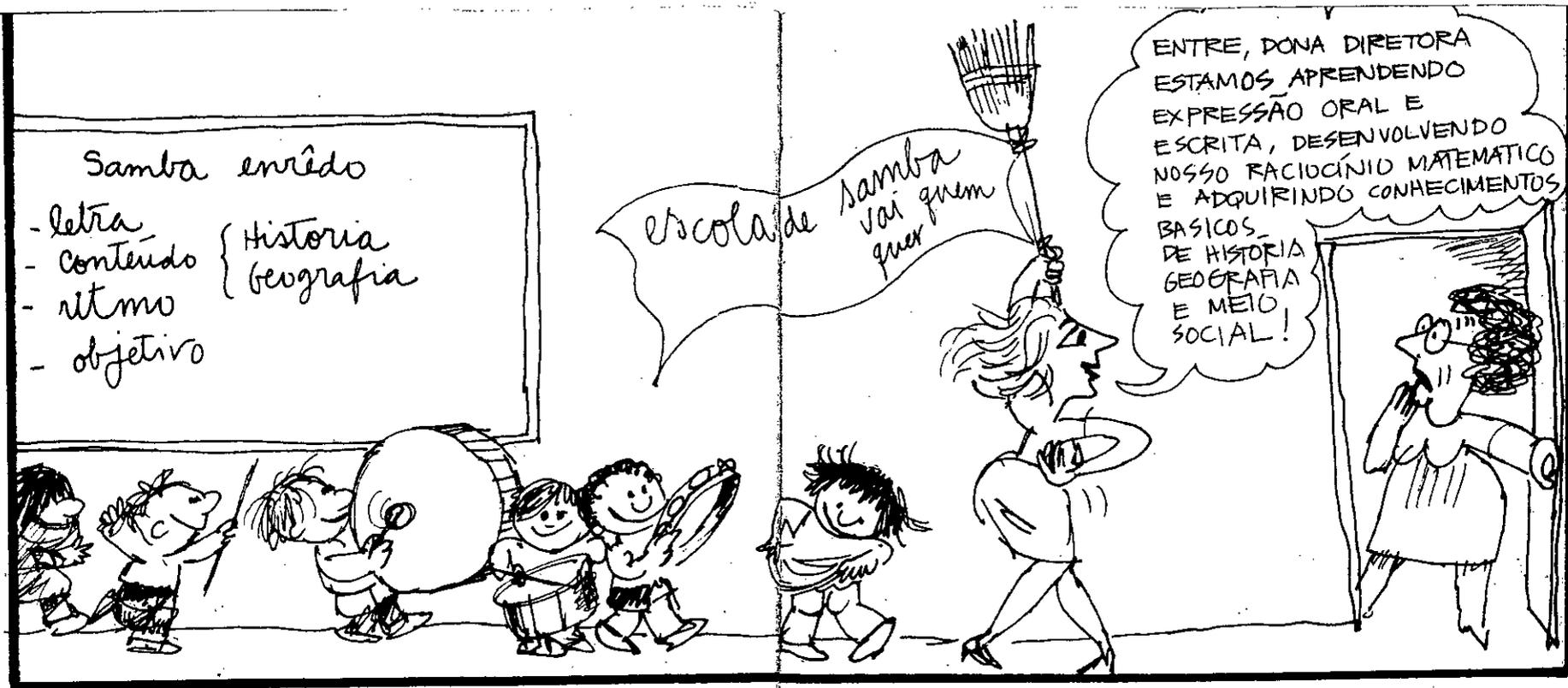
A lei diz que a escola é a mesma para todos. Mas, na realidade, existem grandes diferenças entre elas: existem escolas «boas» e escolas «carentes».

Para as escolas «boas» vão sempre os professores mais competentes e experientes. Nelas, as condições de trabalho são melhores. Há um número menor de alunos por turma e o tempo de aula é maior. O material didático também é abundante e de boa qualidade.

Nas escolas «carentes» dá-se o contrário. Os professores estão sobrecarregados e insatisfeitos. Por causa disso, ficam pouco

tempo na escola. O material didático (cartilhas, livros, etc.) é inadequado e insuficiente. As turmas estão superlotadas e as crianças têm menos tempo de aula. Nestas escolas, os professores faltam com mais frequência às aulas, os alunos são rebeldes ou desinteressados e há mais problemas de disciplina.

Ora, essas escolas «boas», bem equipadas, onde se estuda mais e melhor, estão quase sempre localizadas nos bairros de classe média e nos bairros mais prósperos. Já as escolas «carentes», onde falta tudo, estão localizadas nas áreas onde mora o pessoal mais pobre.



Como mudar a maneira de ensinar?

Depois dessas medidas administrativas que têm um impacto imediato, seria preciso enfrentar a questão mais complicada e difícil da mudança dos conteúdos e dos métodos de ensino.

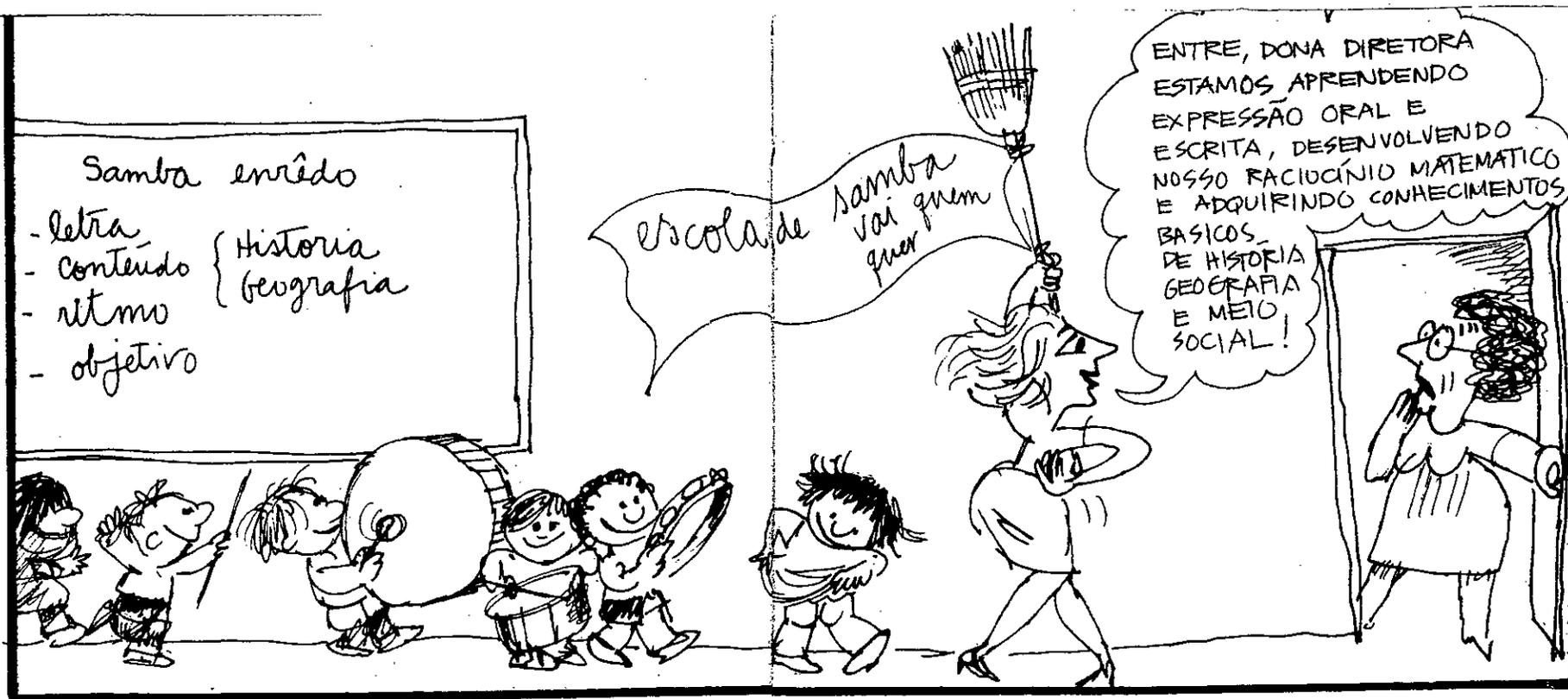
É preciso adaptar a escola às condições reais vividas pela grande maioria de seus alunos que vem dos lares mais desfavorecidos. No entanto, é preciso ter cuidado aqui com a solução de facilidade que consistiria em «abaratear» o ensino para os pobres. Muita gente acha que se deveria exigir menos dos pobres porque, de qualquer jeito, eles são menos capazes e não conseguem aprender como as crianças de classe média. Aceitar isso significa aceitar a existência de duas escolas: uma escola boa e exigente para os mais ricos e uma escola de segunda mão, mais fácil, para os pobres.

Uma solução dessas só faria agravar a divisão e a desigualdade entre ricos e pobres. A questão é como encontrar a

maneira de dar a todos os conhecimentos básicos, indispensáveis para a sobrevivência em nossa sociedade.

Nesse sentido, é muito importante ajudar os professores a saber ensinar mais e melhor. Muitas vezes é por não saberem como lidar praticamente com as dificuldades encontradas pelas crianças pobres em aprender que os professores põem a culpa na vítima. Com essa desculpa não levam em conta a situação real dos seus alunos nem colocam em questão sua própria maneira de ensinar.

É preciso, portanto, garantir que todos os alunos possam aprender coisas indispensáveis como saber ler e escrever bem a língua materna; desenvolver o raciocínio matemático; adquirir conhecimentos básicos de história, geografia e do meio social.



Como mudar a maneira de ensinar?

Depois dessas medidas administrativas que têm um impacto imediato, seria preciso enfrentar a questão mais complicada e difícil da mudança dos conteúdos e dos métodos de ensino.

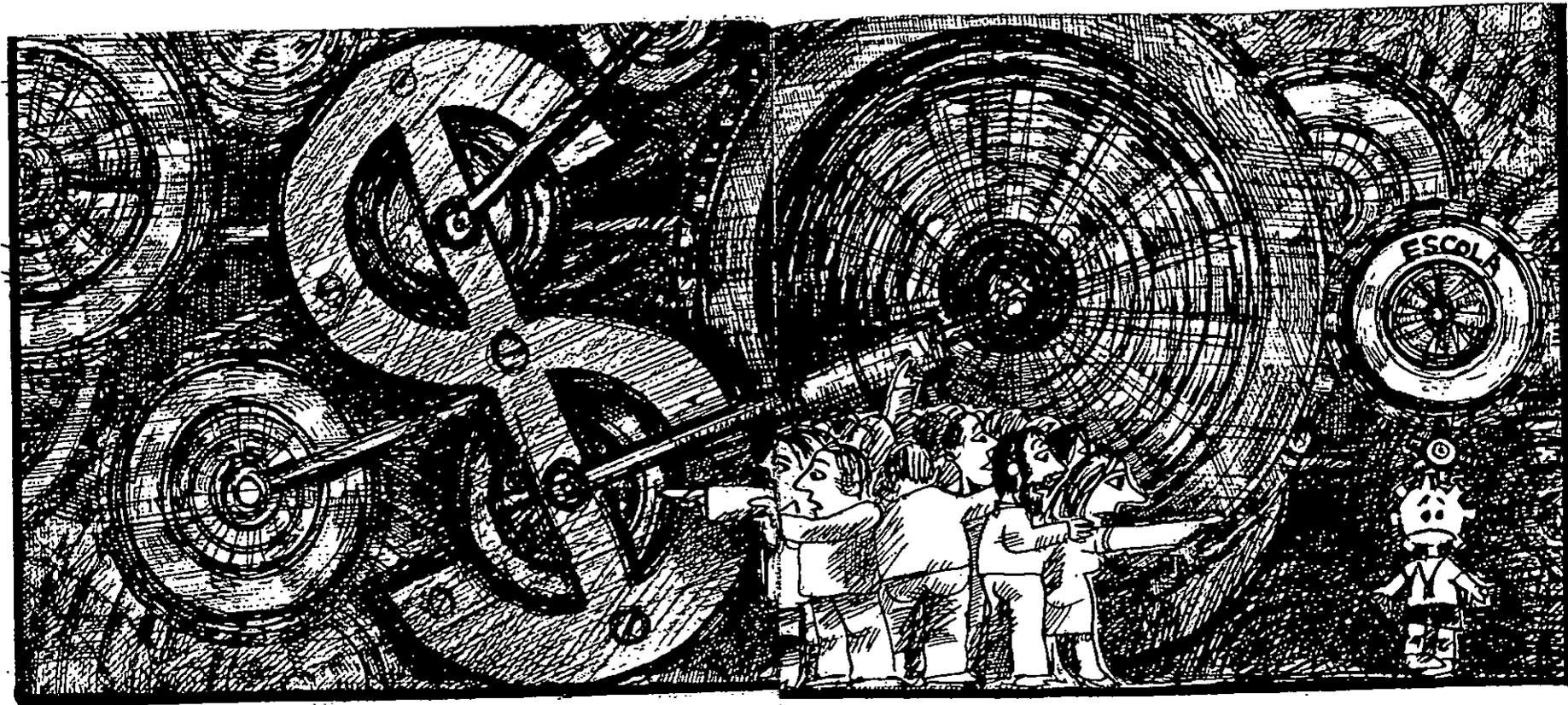
É preciso adaptar a escola às condições reais vividas pela grande maioria de seus alunos que vem dos lares mais desfavorecidos. No entanto, é preciso ter cuidado aqui com a solução de facilidade que consistiria em «baratear» o ensino para os pobres. Muita gente acha que se deveria exigir menos dos pobres porque, de qualquer jeito, eles são menos capazes e não conseguem aprender como as crianças de classe média. Aceitar isso significa aceitar a existência de duas escolas: uma escola boa e exigente para os mais ricos e uma escola de segunda mão, mais fácil, para os pobres.

Uma solução dessas só faria agravar a divisão e a desigualdade entre ricos e pobres. A questão é como encontrar a

maneira de dar a todos os conhecimentos básicos, indispensáveis para a sobrevivência em nossa sociedade.

Nesse sentido, é muito importante ajudar os professores a saber ensinar mais e melhor. Muitas vezes é por não saberem como lidar praticamente com as dificuldades encontradas pelas crianças pobres em aprender que os professores põem a culpa na vítima. Com essa desculpa não levam em conta a situação real dos seus alunos nem colocam em questão sua própria maneira de ensinar.

É preciso, portanto, garantir que todos os alunos possam aprender coisas indispensáveis como saber ler e escrever bem a língua materna; desenvolver o raciocínio matemático; adquirir conhecimentos básicos de história, geografia e do meio social.



Como o povo pode mudar a escola

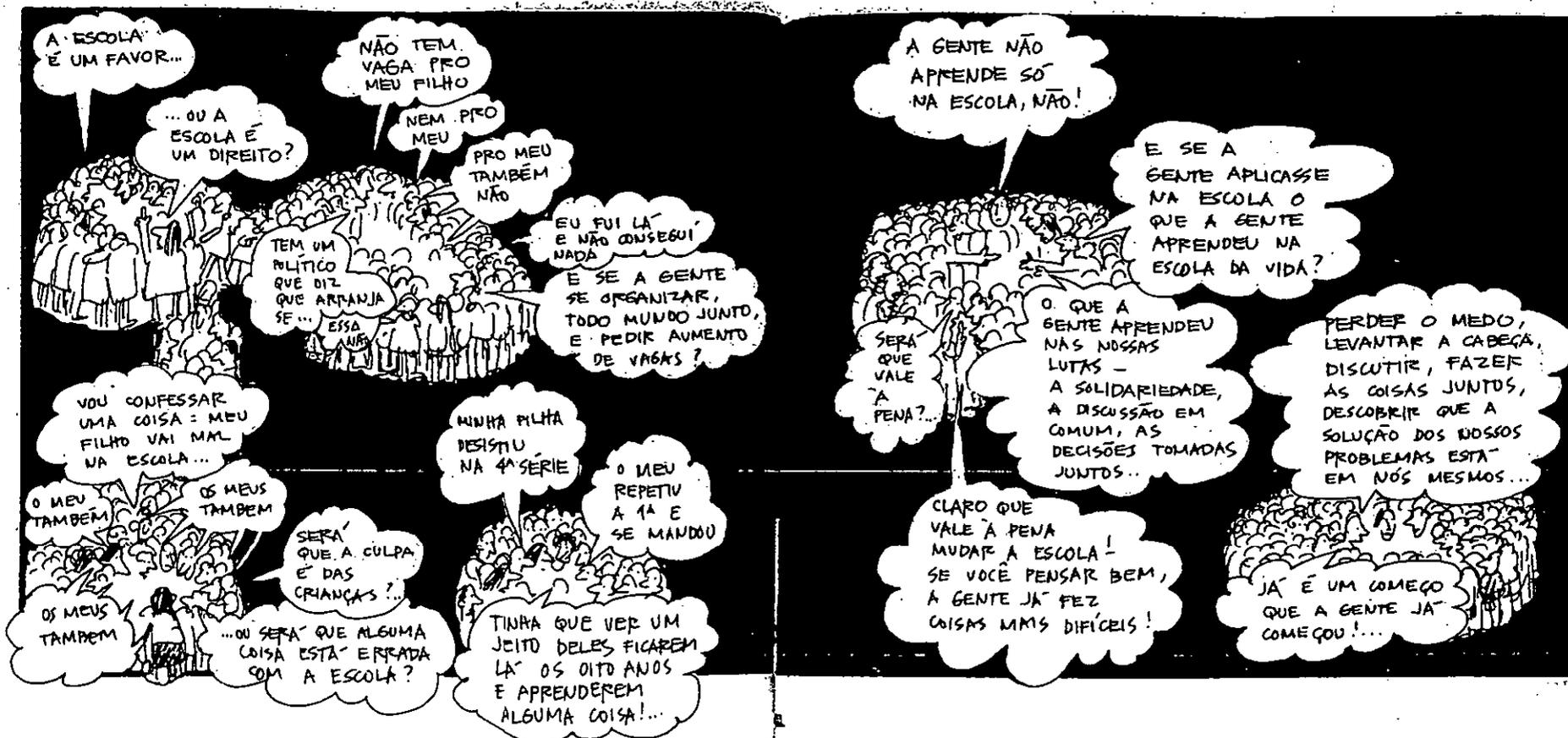
O caminho a ser seguido para a mudança da escola é o mesmo caminho que o povo já vem trilhando em busca da solução para tantos outros problemas de sua vida cotidiana.

Ao invés de esperar que as soluções venham de cima — das autoridades, do Governo, dos especialistas — o povo mesmo resolveu agir. Discutindo juntos, em pequenos grupos e comunidades, ele começou a tomar consciência de sua própria força e de sua capacidade de descobrir soluções novas. É descobrindo juntos soluções novas e se ajudando uns aos outros ao invés de cada um ficar quieto e calado em seu canto que o povo foi aprendendo a se organizar para defender seus direitos.

Nesta luta diária pela sobrevivência e por uma vida melhor o povo *aprende e ensina*.

Aprende na medida em que vai entendendo como funciona a sociedade e vai desmontando, pouco a pouco, essa engrenagem complicada da qual a escola é apenas uma peça. Ele aprende quando procura entender juntos por que os filhos vão mal na escola e descobre que o problema não é individual mas sim coletivo e que sua solução depende de toda a comunidade.

O povo aprende na medida em que vai vendo mais claro onde está a raiz de cada um dos problemas que enfrenta e vai percebendo que sem união e participação as coisas não mudam.

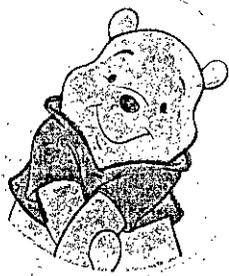


Vendo, julgando e agindo juntos o povo se educa e mostra que a educação não acontece só na escola. A gente se educa cada dia, durante a vida inteira, aprendendo das experiências que vive e aprendendo ainda mais se elas são vividas e discutidas em comum.

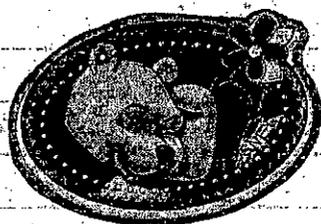
Mas quando o povo se junta para procurar novas soluções para seus problemas ele também ensina. Ao longo de toda sua caminhada, o povo ensina a lição da esperança e da solidariedade. Ensina como é possível descobrir saídas em situações onde aparentemente não há saída. Ensina como sobreviver quando o desemprego e a pobreza poderiam levar ao desespero. Ensina como é possível inventar soluções a partir de si mesmo, sem confiar em promessas ou esperar que as coisas caiam do céu.

É nesse processo de organização de baixo para cima, temperado nas lutas de cada dia, nas vitórias e derrotas que tanto têm a ensinar, que está a semente de uma nova atitude e de uma nova maneira de agir: não mais esperar por soluções prontas vindas de cima mas confiar nas próprias forças para encontrar as respostas e colocá-las em prática.

Essa criatividade e solidariedade não se aprendem na vida da escola tal como ela é hoje mas sim na escola da vida. O desafio consiste então em enfrentar o problema da escola do mesmo jeito que o povo tem enfrentado problemas bem mais complicados. É preciso levar para dentro da escola as lições que o povo tem aprendido e ensinado na escola da vida.



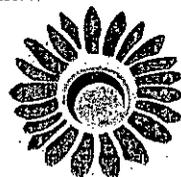
Educar e Transformar
Transformar e educar...

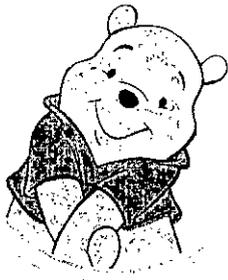


Nome: Giulian Willborn Pereira

Série: Segundo Ano Normal

Ido: 10





Trabalho Temático 15

Qualificação, valorização e formação permanente dos trabalhadores em educação.

o PROJETO POLÍTICO - PEDAGÓGICO DA ESCOLA: UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA.

A qualidade do ensino e seu sucesso na tarefa de formar cidadãos capazes, relaciona-se com as condições de trabalho, remuneração, elementos indispensáveis à profissionalização do magistério.

De grande relevância da escola é assumir o papel predominante na formação dos profissionais. As instituições escolares são "arenas de contestação e luta entre grupos culturais e econômicos que têm diferentes graus de poder".

o ENSINAR É UMA ESPECIFICIDADE HUMANA.

O último de respeito que nasce de relações justas, vivas, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autêntica o caráter formador do espaço pedagógico. A autoridade está no valoroso dos inquietos, na atitude que instiga, na esperança que desperta.

o ENSINAR EXIGE COMPROMETIMENTO.

Procurar a aproximação cada vez maior entre o que diz e o que faz, entre o que parece ser e o que realmente está sendo. É uma escola que se ilumina os alunos para práticas políticas, como se a maneira humana de estar no mundo fosse seu propósito ou uma maneira neutra.

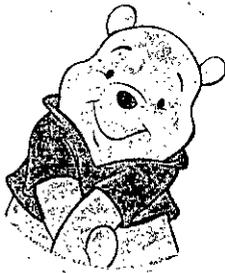
o ENSINAR EXIGE COMPREENDER QUE A EDUCAÇÃO É UMA FORMA DE INTERVENÇÃO.

Além de ensinar conteúdos, a escola implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto seu desmascaramento.

o ENSINAR EXIGE LIBERDADE E AUTORIDADE.

Quanto mais criticamente a liberdade assume o limite necessário tanto mais autoridade tem ela, eticamente falando, para continuar lutando em seu nome.





• ENSINAR EXIGE TOMADA CONSCIENTE DE DECISÕES

Não se pode ser neutro diante de uma situação, não importa qual seja ela. Educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isto reforça a importância de suas tarefas político-pedagógicas.

• ENSINAR EXIGE SABER ESCUTAR

Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar ao ele. Deve-se escutar o educando em suas dúvidas, em seus erros, em sua incompetência provisória, e ao escutá-lo, aprender-se a falar com ele. Se sente-se superior ao diferente, não importa quem seja, nunca se o escuta - lo. O diferente não é o outro a merecer respeito e um isto ou aquilo, destrutável ou destruível.

Pode-se afirmar que é tão errado reparar aspectos de teoria, instrumento de ação, linguagem de ideologia, quanto reparar mesmo os conteúdos de chamamento ao educando para que se vá fazendo sujeito, do processo de aprendi-los.

• • • ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica, exige disponibilidade para o diálogo, exige ouvir com os educandos, exige se deixar seguir um frente e exige esperanças de que juntos é possível transformar...



Sociologia

Nome: *Attila Amador*

Civil: *2º Normal*

Assunto: *Projeto Político-Pedagógico*

Data: *16-08-04*

A construção da unidade político-pedagógica na diversidade dos níveis e modalidades de ensino

Escolas da antiguidade = ensinar matérias

A salvação é a maneira de possuir conhecimentos

O currículo não deve abordar exclusivamente a herança cultural da humanidade, mas também os problemas do homem e da sociedade. A educação especial requer uma perspectiva nova e diferente dos conhecimentos próprios da educação especializada.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

PROJECTU = vem do latim e significa lançar para adiante.

Na construção dos projetos de novas escolas, planejamos ou queremos fazer.

O projeto político-pedagógico vai além de um simples agrupamento de planos de ensino e de atividades diversas. Ele é construído e revivido em todos os momentos por todos os envolvidos com o processo educativo da escola.

POLÍTICO = no sentido de compromisso com a formação do cidadão p/ a sociedade.

PEDAGÓGICO = no sentido de definir as ações educativas e características necessárias às escolas de cumprimento aos propósitos e sua intencionalidade.

PRINCÍPIOS NORTEADORES DO PROJETO

- a) Igualdade de condições p/ aluno e permanência na escola.
- b) Proporcionar qualidade de ensino a todos. Busca a qualidade formal ou política e técnica.
- c) Gestão democrática = trabalha com o enfrentamento das questões de inclusão e retenção e da não permanência dos alunos em sala de aula. Não é um princípio fácil de ser consolidado.
- d) Autonomia = a autonomia e a liberdade está sempre associado a ideia de ato pedagógico. "Somos livres com os outros, não apesar dos outros."
- e) Valorização do magistério = requer condições básicas p/ desenvolver um bom trabalho como: recursos físicos, materiais didáticos, dedicação integral à escola, remuneração, esses elementos são indispensáveis a profissionalização do magistério.

CONSTRUINDO O PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO.

A construção do projeto político-pedagógico, para gerar nova organização do trabalho pedagógico, parte da reflexão anteriormente feita sobre os princípios.

Porém, **alguns** elementos básicos podem ser apontados: as finalidades da escola e a estrutura organizacional, o currículo, o tempo escolar, o processo de decisão, as relações de trabalho, a avaliação.

FINALIDADES = as finalidades da escola referem-se aos valores pretendidos e admitidos.

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL = avaliar a estrutura organizacional significa questionar os pressupostos que embasam a estrutura organizativa da escola que possibilita a formação de cidadãos aptos a criar ou a modificar a realidade social. Para realizar um ensino de qualidade e cumprir suas finalidades.

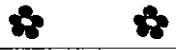
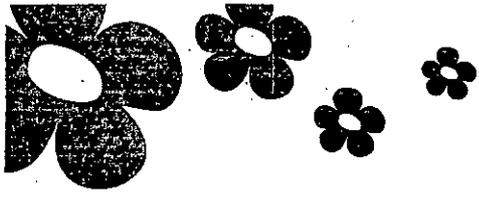
CURRÍCULO = o currículo refere-se à organização do conhecimento escolar.

O TEMPO ESCOLAR = o horário escolar, que fixa o número de horas por semana e que varia em razão das disciplinas constantes no grade curricular. A organização do tempo escolar é marcada pela segmentação do dia letivo, e o currículo é, consequentemente, organizado em pontos-furos de tempo por cada disciplina.

PROCESSO DE DECISÃO = prevalecem as relações hierárquicas de mando e submissão de poder totalitária e centralizada.

AS RELAÇÕES DE TRABALHO = muitas vezes conflitantes pois há um confronto de interesses no interior da escola.

AValiação = parte da necessidade de conhecer a realidade escolar. Primeiro a avaliação é um ato dinâmico que equilibra e opera subsídios ao projeto político-pedagógico. Segundo, ela impõe uma divisão de papéis dos educadores e dos educandos.



Caderno Temático 12

Escola como espaço pública, produção de conhecimento, cultura, lazer e recreação

=> A concepção de cultura, hoje, é aquilo que se recebe em uma sala de aula, sem contar com aquilo que se aprende fora da sala de aula, no cotidiano, na vida em sociedade.

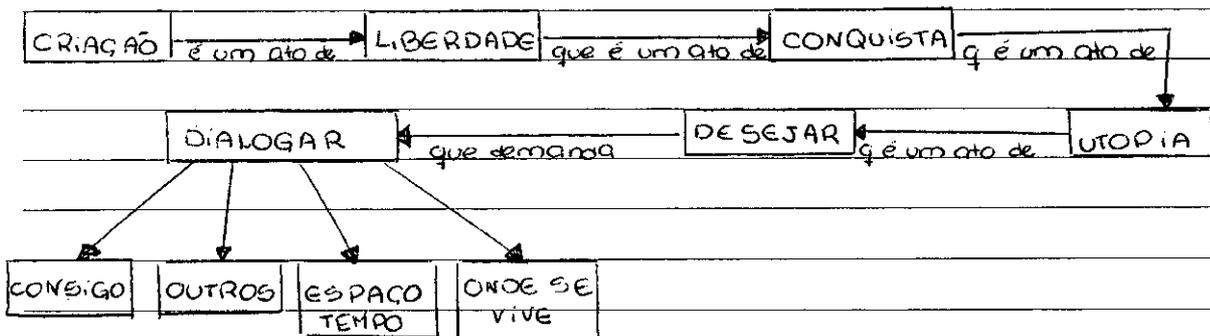
=> Deve-se ampliar o processo educativo, considerando as relações além dos muros da escola, chegando assim, na recreação e no lazer.

=> Lazer e recreação hoje funcionam como uma distração e entretenimento, uma recuperação das forças de trabalho, as sonhadas férias.

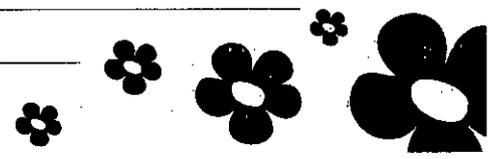
=> A recreação e o lazer oportunizam ao ser humano vivenciar a cultura lúdica, e possibilitam a ele liberdade e prazer para crescer com seu espaço.

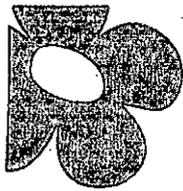
=> Como diz Paulo Freire: "(...) o ser humano (...) muda-se a si mesmo à medida que participa das mudanças do mundo. (...)"

De acordo com Freire:



Fernanda G. Cardoso - 2º ano Normal





Curiani 2º Normal



Educação do meio rural

Nos perguntamos, quais os principais problemas da educação no meio rural hoje? O primeiro deles é a própria ausência de dados e condições sobre esse tema.

O analfabetismo, um grande problema no meio rural, foi pesquisado que 32,7% da população rural, que tem acima de 15 anos, é analfabeta e em alguns casos rurais que chegam até mais e que nem mesmo tem acesso à leitura e à escrita.

Existe ainda crianças e adolescentes fora de escolas. Ultimamente a política tem sido a de estimular os estudos na cidade buscando diminuir o número de escolas no campo.

A matrícula no meio rural representa, desde 1991 apenas 1,1% do total de matrículas e o número de escolas nos possuem de 3,2%.

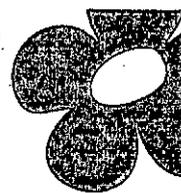
Docentes no campo recebem o maior número de professor-leigos e que as possibilidades de formação seja em magistério ou cursos superiores não atendem das questões do campo.

Existe a concepção de que a escola urbana é melhor do que a rural, isto coloca como fator regulador da qualidade de educação.

No país em que vivemos há muita desigualdade como considerar os recursos do meio rural a parte ultrada e fora de lugar nos projetos de modernidade.

A educação do campo precisa ser um alternativa específica e diferenciada, isto é, alternativa. Deve ser educação em sentido amplo de formação humana para viabilizar a realização de uma humani.





dada mais calma e feliz.

A escolarização não é toda a educação, mas é um direito social fundamental a ser garantido por todo o nosso povo no campo ou na cidade.

Hoje em dia a escolarização é muito importante.

A educação rural não pode trabalhar somente da mesma maneira.

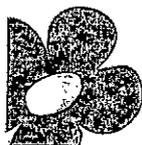
Um dos problemas do campo hoje é a ausência de políticas públicas que apontem seu desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida das pessoas que vivem e trabalham ali.

A tarefa principal dos setores de educação é garantir o ambiente educativo da escola, envolvendo educadores e a comunidade, com sua participação.

Para isso precisa ter tempo, organização e recursos pedagógicos.

Os homens e mulheres da leitura adquirem a consciência histórica e lutam nos conteúdos culturais apresentados pelas instituições escolares. Pesquisamos entre os alunos têm oportunidades de refletir sobre os conteúdos. Nesta etapa evolutiva, sobre os conteúdos de vida dos povos, quando devem de ser discutidos e trabalhados.

A infraestrutura é a forma mais adequada de promover a educação social, econômica, política e cultural.



Quem é o professor brasileiro

Pesquisa traça perfil dos docentes no País e auxilia na compreensão de suas necessidades

O Brasil tem cerca de 1,7 milhão de professores no ensino fundamental e no médio, segundo o censo escolar de 2001. Acostumados a aplicar avaliações, emitir notas, montar estatísticas de desempenho dos alunos e planejar aulas, os docentes foram, desta vez, alvo de estudos.

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), em parceria com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) do Ministério da Educação, desenvolveu pesquisa sobre aspectos sociais, econômicos e profissionais desses professores.

A pesquisa esclareceu quem são eles, o que pensam da profissão e dos alunos e como foi sua formação, além de outros aspectos inerentes à profissão. Apresentou, ainda, uma série de dados capazes de basear a adoção de medidas de melhoria da qualidade do ensino no Brasil.

A pesquisa, iniciada em 2002, resultou na publicação do livro *O Perfil dos*

Professores Brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam, lançado em maio deste ano. Foram analisados questionários respondidos por cinco mil professores de escolas urbanas públicas e privadas de todos os estados e do Distrito Federal. Os responsáveis pela publicação pretendem apoiar o desenvolvimento de estudos e pesquisas que subsidiem políticas públicas de educação. A pesquisa sobre os professores foi considerada um passo importante nesse sentido, a partir da compreensão de que eles são os principais agentes do processo educativo.

Questões como sexo, faixa etária e família, distribuição geográfica, renda familiar, classificação social, mobilidade, atuação profissional, titulação, habilitação e práticas culturais, abordadas no levantamento, permitem melhor compreensão do perfil, dos hábitos e do pensamento dos professores brasileiros. Os dados estão à disposição de todos os órgãos e instituições que trabalham com educação no País.

Perfil — A avaliação quanto a sexo, idade e família dos professores esclareceu algumas características da categoria. A pesquisa apontou que 81,3% dos profissionais são mulheres. Isso demonstra que o magistério assume posição diferente em relação à proporção de pessoas economicamente ativas no País — a maioria (58,13%) é composta por homens. No que se refere à idade, os professores brasileiros são considerados jovens, em comparação com o panorama internacional. Eles têm, em média, 37,8 anos, enquanto nos países da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a maioria passa dos 40 anos.

Especificamente no ensino médio, houve aumento de 43,3% no número de professores no período de 1996 a 2002. Constatou-se que a rede pública absorveu 50,8% das vagas e que 61,6% dos professores atuam em cidades do interior, 25,6% em capitais e 12,8% na periferia das grandes cidades. A renda familiar mensal foi avaliada entre dois e 20 salários mínimos. A maioria (36,6%) das famílias recebe entre cinco e dez salários; 4,5% recebem até dois e 6,1% mais de 20 salários mínimos. Em relação à escolaridade, 69,2% estudaram em escolas



públicas e 80,3% têm curso superior com formação pedagógica.

A principal finalidade da educação, para 72,2% dos professores, é formar cidadãos conscientes. Selecionar indivíduos capacitados (2,6%) é vista como a menos importante.

Em relação a aspectos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), 90,9% dos professores concordam com a autonomia da escola. O de menor concordância foi o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), com 65,1%.

Um dos aspectos mais interessantes da pesquisa é a avaliação das práticas culturais dos professores. A maioria afirmou que vai esporadicamente a eventos como exposições, teatro, museus, cinemas, apresentações musicais etc. Muitos professores nunca foram a um concerto de música erudita ou ópera (62,1%) ou a um show de rock (62,7%). Em relação ao cinema, 5,8% vão uma vez por semana e 20,4%, uma vez por mês; 49,2%, algumas vezes por ano; 16% uma única vez, no passado, e 8,6% nunca foram. A maioria (34,5%) afirmou nunca ter feito uma atividade esportiva; 58,4% jamais navegam na internet e 74,3% assistem à TV diariamente.

Recomendações — O estudo faz uma série de recomendações para a definição de políticas educacionais voltadas para os professores. Entre elas, o investimento em políticas públicas que atenuem as disparidades regionais na área, especialmente no campo da formação e da remuneração. A renda familiar entre dez e 20 salários mínimos, por exemplo, atinge apenas 10,3% dos professores do Nordeste e 33,2% do Sudeste.

Em relação ao exercício profissional, uma das recomendações é o estímulo a investimentos que promovam a permanência dos professores no magistério. Outra é a potencialização da política de financiamento de computadores, hoje fundamentais para a prática profissional.

Quanto à formação inicial e continuada, o estudo sugere a necessidade de uma revisão dos cursos, incluindo as licenciaturas. A formação deve ser vista como uma variável relacionada à renda familiar e à região geográfica. A ampliação do universo cultural dos professores deve ser encarada como prioridade. Sugere-se, ainda que os cursos de formação inicial e continuada sejam concebidos no âmbito de um plano de cargos e salários que permita a progressão funcional.

MEC promove ações voltadas aos professores

O Ministério da Educação vem promovendo diversas ações importantes voltadas aos professores dos ensinos fundamental e médio. O objetivo é atuar principalmente na área de formação e qualificação de docentes. Conheça alguns programas do ministério.

Comissão de Aperfeiçoamento de Ensino Médio e Profissional (Capemp)

Criada em dezembro de 2003, a comissão tem o papel de subsidiar o MEC no desenvolvimento de formação para professores do ensino médio e da educação profissional, promover estudos e avaliações e incentivar, por meio de bolsas de pesquisas, projetos inovadores nas escolas públicas de ensino médio e profissional.

Proformação — O Programa de Formação de Professores em Exercício é um curso de atualização em nível médio dirigido aos professores que, sem a formação específica, encontram-se selecionando nas quatro séries iniciais do ensino fundamental e nas classes de alfabetização das redes públicas das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Programa de Apoio à Letitura e à Escrita (Praler) — Iniciado em 2003, visa à formação de professores, principalmente os de 1ª e 2ª séries, para que possam transmitir os conhecimentos adquiridos à alfabetização de seus alunos no tempo pedagógico do ano letivo.

Programa de Gestão da Aprendizagem Escolar (Gestar) — É um programa de gestão

pedagógica da escola voltado para a formação continuada de professores de ensino fundamental, avaliação diagnóstica e atômica da aprendizagem dos estudantes. Tem como objetivo principal a elevação do desempenho escolar dos alunos nas disciplinas de matemática e língua portuguesa.

Pro-Item — O Programa Nacional de Incentivo à Formação Continuada de Professores de Ensino Médio oferece cursos de pós-graduação a docentes da rede pública em parceria com as sociedades individuais de educação.

Pro-Itam — Programa de formação de professores de nível médio em áreas de educação infantil, educação de jovens e adultos e magistério. Foi lançado em maio de 2005. O programa quer fazer com que o nível dos professores seja habilitado a oferecer educação

Projeto Língua e Cidadania — Em conjunto com a Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, promove ações para a formação ética e moral de todos os membros da comunidade escolar. A implementação do projeto pelos professores é obrigatória e sua finalidade é promover a cidadania e a leitura.

Rede de Formação de Professores — Em 2004, a Secretaria de Educação Básica (SEB) do MEC implementou a Rede Nacional de Formação Continuada de Professores de Educação Básica, constituída em 2003 por universidades de todo o país para qualificar a formação continuada e ampliar o número de professores atendidos em seu país.

CDG lança programa de formação voltado para educadores

Este é o público-alvo do curso que o SINEPE desenvolverá no ano 2000

Depois de uma experiência de quatro anos capacitando e desenvolvendo profissionais ligados à administração da gestão escolar, o Centro do Desenvolvimento da Gestão (CDG) do SINEPE/RS quer chegar agora ao "agente número um" da escola. A expressão é usada pela coordenadora-geral do CDG, Irmã Catarina Fontoura Costa, para definir o professor/educador - muitas vezes esquecido no seu processo de formação de aprendizagem. Irmã Catarina usa a pergunta da educadora Alcía Fernandez: "Como aprendem as crianças?" para provocar uma discussão: "E como aprende o professor". Poucas vezes, diz ela, é ouvida esta pergunta, como se o professor fosse o único responsável pelo seu desenvolvimento.

O Programa de Formação voltado para Educadores que será lançado neste mês de novembro pelo CDG do SINEPE/RS pretende trazer esta discussão à tona. Irmã Catarina costuma dizer que o professor tem sido, ao longo da história, muitas vezes o

mocinho e muitas vezes o vilão. "Quando as coisas vão bem na Educação, se diz que os professores são bons e quando vão mal é porque os professores não são bem preparados. E isto não é justo", ressalta. O coordenadora-geral do CDG acrescenta que o professor é resultado também de uma cultura, de uma formação, que o preparou para atuar dentro deste modelo de transmissão de conhecimentos.

Dentro de uma proposta de que ele sabe e ensina e o aluno não sabe e deve aprender. "E na relação de poder, o professor é o adulto e é quem tem o poder de decisão. O aluno é adolescente, a criança que precisa obedecer", compara.

Este não é mais o modelo de escola, nem o modelo de Educação que vai servir para as crianças, para as famílias e para a sociedade do futuro. "A escola precisa mudar", diz Irmã Catarina. Mas para que o processo de ensino e aprendizagem realmente mude, complementa, "é preciso que o professor tenha outras habilidades, outras características". Estas transformações, não são mágicas. Ela observa que de nada adianta a escola reunir seus professores,



► Curso irá abordar o novo professor em sala de aula

coordenadores pedagógicos e comunicar: agora precisamos mudar a relação de poder na sala de aula, e o método de ensino. E no outro dia, começa-se a fazer tudo diferente. Não é assim. "O professor é como qualquer outro profissional e precisa ser trabalhado", diz. Os cursos universitários, na opinião da Irmã Catarina, não são suficientes, pois se preocupam na forma como a criança, o adolescente ou o adulto não-alfabetizado aprendem, mas não como os professores aprendem.

A proposta do Programa de Formação de Educadores é trabalhar o educador na sua dimensão

comportamental. Ele irá poder vivenciar, trabalhar e criar a sua forma de se relacionar e, digamos, de ensinar.

As pessoas, segundo a Irmã Catarina, não mudam só com informação. Além do conhecimento, elas precisam trabalhar a parte emocional, seus medos, suas resistências, libertar a sua espontaneidade. "Poderíamos dizer que o curso vai trabalhar com a dimensão do conhecimento, da realidade emocional e comportamental. E também com a dimensão prática, que é como ser um novo professor em sala de aula.



► Irmã Catarina: "como aprende o professor?"

O novo professor

- Professor deve ser igual a Educador, na concepção: mais pura, procurando ajudar o aluno a produzir o conhecimento
- Deve ser um orientador, ter mais compreensão, mais ouvir, mais ajudar.
- Deve ser bem preparado naquilo que se propõe a fazer enquanto "especialidade".
- Tem que se preparar para ser multifacetado. Na medida em que ele ensina Física, precisa ter uma visão além, porque no mundo, o aluno vai aplicar a Física sempre contextualizadamente.
 - Uma visão mais ampla, além da sua especialidade é fundamental: Poder enxergar a sua instituição dentro de um contexto.
 - Deve ser muito bem informado, pois os alunos terão informação com muito mais facilidade devido à tecnologia.
 - Deve ter uma curiosidade e imaginação para ajudar a transformar a informação em conhecimento.
 - Deve saber desenvolver habilidades no aluno que o tornem capaz de aprender sempre.

Duração total do curso: um ano

Nº de vagas: até 23 pessoas (sugere-se que não haja mais de três participantes de uma mesma instituição)

Público-alvo: professores, coordenadores e supervisores.

Valor inscrição: sócios: R\$ 160,00 (por encontro) / outros: R\$ 200,00 (por encontro)

Local: Adesban - Rua Mario Totta, 108 - Sala 01 - Porto Alegre/RS

Informações no SINEPE/RS: (0 51) 226-7766/227-1000

Período de Realização

MÊS	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Março	Abril
DATAS	7.e.8	5.e.6	2.e.3	30/06.e.1/07	4.e.5	1.e.2	6.e.7	10.e.11	8.e.9	em aberto	em aberto	em aberto

Ano 2000

Ano 2001

P R O G R A M A

O trabalho será dividido em três módulos. Cada encontro terá uma carga horária de 16 horas e ocorrerá uma vez por mês.

Encontros Vivenciais. — são momentos onde irá ser trabalhada essencialmente a parte emocional e psicológica das pessoas. As escolas ou universidades acostumaram-se a planejar tudo, a trabalhar só na área do conhecimento com práticas e métodos de botar em execução este conhecimento. A parte emocional fica, na maioria dos casos, adormecida. As mudanças só vão ocorrer quando a pessoa estiver confortável para fazê-lo. E o professor não pode fazer este ensaio só lá com as crianças, ele precisa fazer entre os iguais, entre os professores, consultores, com pessoas especializadas. As pessoas vão ver melhor este processo de mudança, para quando chegar à criança, ao adolescente — não que ele não possa errar — mas esteja internamente mais seguro.

Encontros Tecnológicos. — Os professores estão mais convencidos a se apropriar das ferramentas tecnológicas como ferramentas de trabalho. O professor não vai competir com os especialistas das áreas técnicas, mas ele precisa usar, na sua profissão como uma ferramenta didática. Ou então ela serve muito pouco dentro da escola. Nós vamos discutir e trabalhar com estes medos, o professor não pode se atrofiar sobre o que significam estes recursos e tecnologias que temos hoje e que amanhã serão ainda maiores. Como aprender a viver num mundo que inova tecnologicamente todos os dias?

Encontros de Supervisão. — O objetivo da supervisão é acompanhar, é ver como o trabalho foi feito, analisar onde foi bem-sucedido e se poderia ser melhor implementado. É o momento de olhar objetivamente, sem culpas, sem dizer que o errou ou acertou. A proposta é: "você teve este trabalho e alcançou este resultado. Era isso que você queria? Não era? Como nós podemos redimensionar para você chegar aonde você quer?"

Palavra dos consultores que vão ministrar o programa:

Ressignificando o papel do professor

Neidi Schneider

O objetivo do curso está dentro da idéia de oportunizar aos professores a ampliação da visão, ampliação das suas concepções. Por isso o desafio da sala de aula, a necessidade de ressignificar papel do educador. É preciso levar em conta um passado importante, a sua história, a sua caminhada. Mas os tempos impõem novas questões, que não atingem só cognição, mas a forma de se relacionar, de interagir. Quando a gente diz "o aprender a aprender", trata-se de uma aprendizagem para vida, que vai além do conteúdo. Acho que o professor já está com este discurso, mas talvez a prática não esteja bem internalizada.

O programa que está se montando pretende ajudar a internalizar mais isso. Como é que o professor vai ensinar para a vida. Vai além da aplicabilidade do conhecimento cognitivo, mas também da forma como o aluno, de qualquer idade, consegue se utilizar

disso no cotidiano dele, na vida dele. O objetivo é trabalhar este professor, que ele possa ressignificar o papel dele dentro da sala de aula, dentro da instituição, na escola e consequentemente na sociedade. Retrabalhando a auto-estima e uma série de questões que vão ajudar a sociedade a ressignificar o seu papel.

Também queremos trabalhar com uma fenomenologia científica. A partir do momento que ele entender melhor esta fenomenologia, vai poder lidar melhor com coisas que acontecem em sala de aula, indo além da disciplinas, mas podendo usar, por exemplo, um conflito que surge, como fonte de aprendizagem. Quando se tem a vivência de um determinado conflito de interesse, de valor, é preciso aprender com aquilo e não dizer quem estava certo ou errado, bom ou mal. É importante descobrir o que se aprendeu com aquela situação para a vida, como lidar com os conflitos, como lidar com o sucesso. E como fazer para que tudo isso faça parte da aprendizagem. Para o professor resolver uma situação de aluno, ele deve estar internalizado com estas coisas. Tem que sair do papel de quem ensina para um papel de quem educa. Eu entendo que isso vai acontecer, à medida que estes alunos tiverem modelos de identificação. Aí está o papel do professor.

Neidí é psicóloga, especialista em Recursos Humanos, didata em dinâmica de grupo, consultora na área organizacional de Projetos de Desenvolvimento Organizacional e em Programas de Gestão, Qualidade e Desenvolvimento de Equipe e Formação de Líderes, diretora da Schneider Consultoria Organizacional. Professora na área comportamental junto ao Cenex, Federação de Recursos Humanos e Feevale.

O professor como facilitador

Mauro Nogueira de Oliveira

Por que a Informática na Educação? A Informática é uma realidade dentro de todas as áreas e também na Educação. O computador está aí, dentro da sala de aula, em todo lugar. O professor precisa saber lidar com estes recursos. Ele está temeroso, mas uma temeridade natural. Há quantos anos nós temos este modelo do professor sendo o referencial? O professor sendo o portador, transmissor de conhecimentos. Ele precisa rever o seu papel. Vai precisar transformar as informações que o aluno busca no computador, em conhecimento. Ele passa a ser um orientador, um tutor, um esclarecedor. Um pouco da temeridade é porque o professor pode pensar que o computador veio substituí-lo, mas isso não irá ocorrer. O computador é uma máquina, alguém precisa orientá-la. É muita informação. Se não houver uma orientação, esta informação não produz conhecimento. O papel do professor fica até mais nobre.

Este é apenas um dos objetivos do curso, não o principal. O professor não é preparado a trabalhar com grupo, também não com indivíduos. Ele não tem informações, nem na sua formação. E nós sabemos que há o comportamento individual, o comportamento da sociedade e o grupo como representante deste dois extremos: indivíduo e sociedade. O grupo é onde tudo acontece. A sala de aula é uma situação grupal, não é individual. Muitas vezes o professor age de uma forma autoritária em relação a um aluno, quando aquele aluno pode estar manifestando uma situação do grupo. E o professor, como não tem este preparo, não fica alerta para esta situação, e este processo do grupo, não sendo trabalhado, dificulta o aprendizado. Neste programa quer se trabalhar esta relação: professor enquanto facilitador de um grupo.

Mauro Nogueira é formado em Administração de Empresas pela PUC, sempre trabalhando na área de Recursos Humanos em empresas, na área de desenvolvimento, treinamento. Desde 85 vem trabalhando com pequenos grupos, com escolas e instituições em geral. Atualmente faz Mestrado na Área da Informática voltada para a Educação. É Sócio-fundador e didata da Sociedade Brasileira de Dinâmica dos Grupos, trabalho como consultor na área de desenvolvimento e de Educação, dentro das empresas, preparando e formando pessoas para trabalharem com grupos.



João Carlos Rangel

AUTORIDADE NA ESCOLA

Por Clarissa Nunes
Fotos: Elias Eberhardt

No passado, queria-se a escola risonha e franca. Entretanto, os superpoderes conferidos aos professores permitiam o uso de castigos até mesmo corporais, como a palmatória. Com o tempo, o convívio escolar passou de repressor a respeitoso. Nas décadas de 50 e 60, os alunos levantavam-se das classes quando os professores entravam em aula, pediam licença para ir ao banheiro e dispensavam um tratamento cortês àqueles que eram não meros repassadores de conteúdos didáticos, mas educadores – leia-se modelos de comportamento crítico.

O mundo mudou e a escola também. Hoje, a falta de limites é uma constante no meio escolar. Pesquisa recente, feita pela Secretaria Municipal de Educação (Smed) em parceria com o Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), constatou os principais motivos que levam os alunos da rede pública de ensino de Porto Alegre a se portarem de maneira violenta. Em primeiro lugar estão as brigas e disputas afetivas ou agressões em atividades esportivas; em segundo, a depredação do patrimônio público; em terceiro, os apelidos e os palavrões; e em quarto, as drogas.

Os conflitos na escola independem da situação socioeconômica dos alunos. Prova disso é a preocupação do vice-diretor do Colégio Rosário, um dos mais tradicionais da Capital, Hilário Bassotto. Para ele, um dos maiores desafios das direções de escolas hoje é administrar os conflitos. “A gestão da sala preocupa os

professores, pois os alunos não têm uma disciplina adequada, o que compromete todo o processo de ensino-aprendizagem”, afirma. O educador observa uma crescente falta de limites, desrespeito ao professor e aos colegas de aula. “Por simples coisas se briga”, diz Bassotto, referindo-se ao baixo grau de tolerância dos alunos. “As famílias não têm mais o gerenciamento dos filhos e eles crescem sem limites. Os pais estão mais comprometidos com o sustento da família do que em acompanhar o processo educativo dos filhos. Acabam transferindo essa responsabilidade para a escola”, analisa.

O vice-diretor lembra da época em que a escola administrava questões como pequenos furtos e ausência das aulas, aplicando as punições que entendia cabíveis. “Hoje, com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), os



► Bassotto: “Filhos crescem sem limites”



Gonzalez: "Projetos junto com a família"

alunos acham que tudo podem fazer e nada lhes acontecerá", constata. Tanto eles como os pais interpretam mal a legislação. "No entanto, a escola não é uma área protegida pela legislação, diferentemente da sociedade. Os delitos têm as mesmas conseqüências que em qualquer lugar. A previsão legal é para todos", adverte. Por exigência da lei, a escola teve que mudar as medidas socioeducativas, chamando os pais com mais freqüência e advertindo os alunos.

Pela nova lei, "havendo qualquer situação delituosa, deve-se registrar ocorrência nos órgãos competentes. Sob pena de ser omissa, a escola tem que agir conforme a lei. Por isso, tem que se municiar de parcerias com os Conselhos Tutelares (para crianças até 12 anos) e a Delegacia da Criança e do Adolescente. A nós não compete a aplicação da lei, mas cooperar na reeducação e na aplicação do regimento da escola, que prevê advertência, suspensão e até o cancelamento da matrícula do aluno infrator". O vice-diretor constata que, na prática, há muitas dúvidas a serem esclarecidas. "A principal é quando não se encontra um respaldo da família, que muitas vezes prefere um amparo legal para se defender a colaborar para a reeducação dos próprios filhos."

Conflito de gerações

A professora de Português e

Literatura do Colégio La Salle, Juleima Maria Neymann Pinto, destaca que há um conflito de gerações quanto ao linguajar. "Enquanto entre os adolescentes um palavão pode ser considerado normal, para os adultos pode ser entendido como uma agressão", complementa a professora de Biologia Maria Lúcia Fensterseifer. Ela considera que o aluno que comete alguma agressividade está pedindo socorro. Como forma de ajudá-lo, ensina que é necessário fazer um acordo entre o adolescente e o adulto, sendo que esse último deve servir sempre de modelo. Maria Lúcia divide os pais de alunos problemáticos em dois grupos: os excessivamente exigentes, que ao se depararem com uma nota mais baixa ou uma atitude inadequada na escola cortam todas as regalias, e aqueles que transferem a responsabilidade por esses fatores ao professor.

O vice-diretor e supervisor pedagógico do Colégio La Salle, Elias Nunes Gonzalez, diz que existe uma diferença de valores entre os jovens e os adultos. "Os valores dos adolescentes foram criados pela mídia, pela boate, pelos ambientes que freqüentam", observa. Ele enfatiza que a escola precisa ter uma experiência em administrar esse descompasso buscando a família. Destaca a necessidade de se montarem projetos dentro da instituição com esse objetivo. No caso específico do Colégio La Salle, acrescenta que não têm acontecido casos de agressão física, somente de "rebeldia". Segundo Gonzalez, isso se deve ao diálogo que se busca com a família, professores e também aos serviços de orientação que a escola oferece.

O coordenador de turno da mesma instituição, Édson da Silva Jardim, responsável por acompanhar a troca de período das turmas, entre outras tarefas, lembra que o regimento escolar traz normas de convivência para o meio. Como exemplo no caso de transgressão das regras, cita a advertência oral e a escrita, que é um comunicado aos pais. A última



instância é a suspensão da sala de aula. O aluno vai ao colégio, mas fica realizando atividades afastado de seu grupo. "A família acompanha todo o processo. Estamos sempre em contato", diz Jardim.

Globalização

A psiquiatra Ieda Bischoff Portella concorda e acrescenta que a violência "é um sintoma da crise que a sociedade está vivendo, e isso está no mundo inteiro. As mudanças na cultura e na economia acarretaram uma modificação no papel que certas figuras de referência desempenhavam na condução da educação de uma criança. Se antes eram o pai e a mãe que ocupavam esse lugar, o professor também tinha um papel importante. Isso tudo se desconfigurou. Hoje, a mãe exerce inúmeras funções, os pais são cada vez menos pais e estão fazendo outras atividades com menos vínculos com os filhos, e essas crianças ficam soltas em um vazio porque não há pessoas cuidando delas". Para a especialista, nada nem ninguém substitui essas pessoas significativas na educação – babás, motoristas ou equipamentos sofisticados. Segundo Ieda, as pessoas significativas são aquelas que depositam expectativas e esperanças na criança, desejam que tenha uma perspectiva de vida, planejam um futuro para a ela, preocupando-se com o alcance de seus objetivos, além de conhecer o que ela está precisando afetivamente. Na falta dessas figuras, as crianças vivem num ambiente rarefeito de humanidade, de inves-



► **Juleima:** "Conflito de gerações"

"As famílias investem em estética, em lazer, em viagens, mas não em relações, no ensinar a tolerar frustrações"



timentos por elas. "As famílias estão equivocadas. Investem em estética, em lazer, em viagens, mas não em relações, no ensinar a tolerar frustrações, mostrar os mecanismos básicos de que se precisa para conviver com outras pessoas. Daí a intolerância", analisa a psiquiatra, que aponta: "Os sentimentos negativos fazem parte do ser humano, são necessários para a vida, mas estão fora de controle e as pessoas se assustam com isso". Ela explica que a adolescência é a época que torna a pessoa mais apta, tanto física como mentalmente, para exercer a violência. "Aí é quando acontece a crise para os que tiveram alguma infância. Para os que não tiveram, segue tudo na mesma." No entanto, nem todo adolescente é intrinsecamente violento. "Nessa fase, ele tem mais poder porque cresceu. A raiva é a mesma de quando era bebê, mas enquanto adolescente ele pode botar fogo na casa."

Sistema de proteção

A atitude do pai que quer negar o problema ajuda a aumentá-lo. "Essa pessoa não tem condições de exercer a paternidade. Diante disso, o adolescente se comporta de forma alterada, para ver como o pai funciona. Mas isso é dentro da patologia, e nenhum orientador pode resolver o problema. Tem que ser um especialista", afirma a psiquiatra, alertando que, nesse momento, "tem que entrar o sistema de proteção à criança. Se o pai não puder, alguém tomará uma providência. Eu diria que toda criança há um ano, dois anos com problema de conduta na escola é sinal de que a sua família não está conseguindo resolver a questão, e alguém tem que ser acionado para isso". No entendimento de Ieda, deveria haver uma outra instância, um ambiente para o qual a escola pudesse mandar os casos mais difíceis,

"aqueles que sofreram muito em casa". Ela avalia que a separação temporária dos alunos, feita no momento certo, às vezes dá bons resultados. "A criança pode estar morando num lugar protegido e freqüentando a escola. Não estando sujeita às coisas que acontecem em casa, melhora o comportamento", constata. Ieda enfatiza que não se trata de separar os alunos problemáticos dos demais colegas, mas dar atendimento naquilo que necessitam. "É preciso ver o que aquela criança está passando para então montar uma providência de acordo. Cada caso é um caso."

Mas nem sempre os pais são omissos. Às vezes, assim como os professores, eles se vêem desqualificados para tratar do problema. A psiquiatra explica os motivos desse sentimento: "A quantidade de informação e a facilidade de acesso ao mundo adulto são tão grandes que os pais ficam destituídos desse poder. E os filhos não os sentem como protetores. Os pais, por sua vez, não sabem o que fazer. Quando atendemos na clínica casos de violência, vemos pessoas muito comprometidas, muito inseguras, muito frágeis, que não conseguiram criar um sistema de autoridade protetora, de segurança básica para as crianças na colocação desses limites, na formação de valores básicos nos filhos. Isso porque não podem fazê-lo como indivíduos, ou porque o casal não funcionou bem nessa situação, ou porque ocorreram coisas na família, que se desagregou



► **Édson:** "Regimento escolar estabelece as normas"



quando o filho era pequeno ou bebê”.

Para a especialista, a validade do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é indiscutível, ainda que tenha que ser aprimorado e realmente colocado em ação. “Ele só é mau para quem tem essa mentalidade de que autoridade nunca pode ser boa. Isso é um pensamento perverso de que se existe um estatuto vai ser usado contra as crianças ou as crianças vão usá-lo contra os adultos. Elas têm direitos, haja estatuto ou não. E o documento apenas coloca isso no papel, é uma forma de conscientizar sobre as

regras sociais.” Ieda lembra que a legislação “diz que o ser humano, desde bebê, tem que ser tratado com respeito, tem direitos humanos próprios. O fato de ele ser um indivíduo em desenvolvimento e não ter todas as condições de sobrevivência por si próprio não quer dizer que seja menos do que adulto. E o adulto não tem o direito de violar essa criança em qualquer um de seus direitos. Quando a gente viola os direitos da criança é que se fabrica a violência. Criança respeitada, protegida e cuidada raramente vai se tornar violenta”, afirma Ieda.

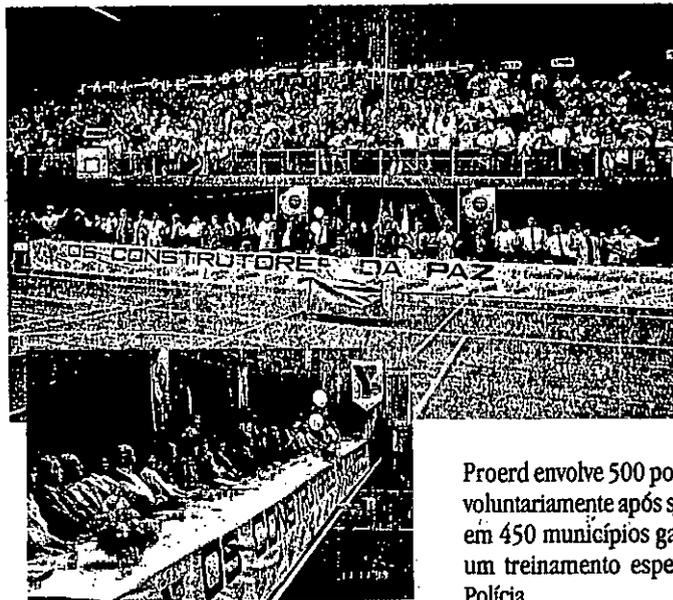
► *Maria Lúcia: “Pedido de socorro”*

Alternativas para a Construção da Paz

“A gente não consegue combater a violência sem construir a paz. A violência é uma coisa que não se pode tirar por decreto do convívio social. É justamente o contrário: não toca na violência – constrói a paz.” Com essa filosofia, segundo o professor Leopoldo Radavelli, diretor da Rede de Ensino da Associação Cristã de Moços (ACM), surgiu o movimento “Construtores da Paz”. Sua história começa em 1997, quando vários diretores de escolas particulares reuniram-se para resolver um problema: seus alunos estavam brigando nos pontos de ônibus e na saída das aulas. Como se não bastasse, alguns pais iam armados levar, de carro, os filhos à escola.

Diante dessa onda de violência, nasceu a idéia de desenvolver um projeto com os próprios jovens – os construtores da paz. O objetivo seria implantar uma cultura pacífica, com ações dos próprios alunos orientados pelos professores e apoiados pela comunidade. O ponto alto é um espetáculo que aborda essa questão. Neste ano, o tema será a explosão da vida e os quatro sentimentos que movem o homem: tristeza, ódio, amor e alegria. A “Celebração da Vida” será apresentada dia 23 de outubro, às 14h, no Centro de Educação Profissional São João Calábria (rua Aracaju, 650).

A partir daí, as escolas participantes do projeto trabalham os conteúdos programáticos. “Na ACM, será realizada a Corrida pela Vida, que inclui uma visita ao Instituto do Câncer Infantil, recolhimento de cestas básicas – ações pela paz com crianças que vivem na tristeza”, conta o professor Radavelli. Para ele, “o que faz um jovem



► *Movimento “Construtores da Paz” começou em 1997*

cometer violência é não ter exemplos de atitudes de paz. O jovem repete aquilo que vê. Se o ambiente tem conclamações à paz, exemplos de paz entre pais, professores, ele introjeta essa preocupação”.

As drogas são uma das principais causas da violência escolar. Para erradicar o problema, a Brigada Militar criou o Programa Educacional de Resistência às Drogas (Proerd), baseado numa experiência americana realizada em 1982 e adaptada para a realidade brasileira. O público-alvo são crianças de 9 a 13 anos, alunos da 4ª e 5ª séries. “Nessa idade, elas ainda não experimentaram as drogas”, diz o major Julio César Araújo Peres, que coordena o projeto no Estado. Atingindo escolas públicas e privadas, o

Proerd envolve 500 policiais, que trabalham voluntariamente após seu expediente normal em 450 municípios gaúchos. Eles recebem um treinamento especial na Academia de Polícia.

Durante um semestre, junto com um professor, orientam os alunos sobre a melhor forma de se portarem em relação às drogas. O método é desenvolvido com atividades lúdicas durante 17 encontros – uma hora-aula por semana. Dois policiais começaram a implantar o Proerd em 1998, com os alunos de duas turmas da Escola Piratini.

O trabalho inclui encontros com pais e professores. “Sabemos que a escola que tem o Proerd não tem problema de drogas”, diz o major. “O policial que atua no programa passa a integrar a comunidade escolar”, prossegue. No primeiro semestre deste ano, foram atingidos 25 mil alunos em todo o Estado. Neste segundo semestre, já são 23 mil crianças envolvidas.

A FONTE

Edição 03 - Ano I - 7 de maio de 2004 - sexta-feira - Santo Antônio da Patrulha - R\$ 1,00

Alunos da Santa Teresinha e Santa Inês pedem atenção à Educação

Os alunos das Escolas Santa Teresinha e Santa Inês ocuparam a Tribuna da Câmara de Vereadores para pedir mais atenção à educação. Eles realizaram uma pesquisa com crianças e adultos que estão fora da escola em seis bairros.

Os principais fatores apontados pelos entrevistados por não acabar os estudos foi a necessidade de trabalhar para ajudar na renda familiar e a distância entre suas casas e as escolas.

A iniciativa foi muito elogiada pelos vereadores e servirá como base para programas do Poder Público para diminuir o índice de pessoas fora da escola.

Mais informações Página 3



◆ Alunos realizaram pesquisa com pessoas que estão fora da escola

◆ *Nova Coluna Fonte dos Fatos*, escrita pelo repórter Hermogenes Silveira aborda temas políticos

Página 2

◆ *Prefeito fala sobre os dados do Ministério do Trabalho sobre desemprego na cidade*

Página 3

◆ *Vereadora Carmem Carolina*